



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Indecisão vocacional em alunos do Ensino Superior

Cátia Isabel de Ambrósio Pinto

Orientação: Prof. Doutor Paulo Cardoso

Mestrado em Psicologia

Área de especialização: *Psicologia da Educação*

Dissertação

Évora, 2016

Agradecimentos

Nesta etapa que preconiza o findar do meu percurso académico enquanto mestranda, não poderia deixar de expressar o meu agradecimento a todos aqueles que direta ou indiretamente tornaram esta caminhada possível.

Particularmente, gostaria de expressar o meu agradecimento à minha família, tanto a de sangue como a de coração, já que como se diz na gíria popular: os amigos são a família que se escolhe com o coração. Na impossibilidade de destacar cada uma das pessoas, fica aqui o meu reconhecimento e sincera gratidão. Contudo gostaria de deixar o meu distinto agradecimento à minha mãe, meu exemplo de força, ao André Rodrigues pelo apoio incondicional e pelo ser humano excepcional que é, nenhuma palavra que possa escrever fará jus à gratidão que tenho e à minha amiga Cláudia Pardal pelo seu constante apoio e motivação.

Um agradecimento muito especial ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Cardoso pela disponibilidade para orientar este trabalho, pela compreensão e apoio prestado, essencial nos momentos em que senti mais dificuldades e por tudo o que contribuiu para a realização desta dissertação. Todas as suas revisões críticas e comentários pertinentes, todos os esclarecimentos, conselhos, opiniões e sugestões, foram sem dúvida fundamentais para a concretização desta dissertação. Um muito obrigado por me ter ajudado a chegar ao fim de uma das etapas mais importantes da minha vida. Foi sem dúvida alguma um privilégio tê-lo como orientador, não só pelo excelente docente e profissional que é, mas também por ser uma pessoa de referência para mim, pela amabilidade, compreensão, ajuda e carácter demonstrados.

Por fim mas não menos importante quero também agradecer a todos os alunos que se mostraram disponíveis e cooperativos na aplicação dos questionários, pois foram peças basilares, sem as quais nada seria possível.

A todos, o meu profundo agradecimento.

A indecisão vocacional em alunos do Ensino Superior

Resumo

A literatura tem mostrado uma percentagem significativa de estudantes do ensino superior vocacionalmente indecisos. Assim pretende-se analisar em estudantes do ensino superior a relação da certeza vocacional com a identidade vocacional e com a indecisão vocacional. E também estudar diferenças nestas variáveis em função do género e da idade dos participantes e do ciclo de estudos que frequentam. Para tal foram aplicados 3 questionários (Escala de Certeza Vocacional, Escala de Identidade Vocacional e Escala de Indecisão na Carreira) a 262 alunos oriundos de três instituições de ensino superior público português. Os resultados demonstram que a redução da indecisão vocacional é acompanhada de maior certeza vocacional e de maiores níveis de identidade vocacional. Não foram encontradas diferenças de género nas variáveis consideradas. Relativamente à idade os participantes, nas fases de desenvolvimento da carreira mais avançadas verificaram-se diferenças significativas somente para as variáveis certeza vocacional e identidade vocacional. Conclui-se ainda que estudantes de mestrado evidenciam identidade vocacional mais definida, mais certeza vocacional e menores índices de indecisão vocacional, relativamente aos alunos de licenciatura. Estes resultados podem contribuir para uma melhor compreensão da indecisão vocacional nos estudantes do ensino superior e conseqüentemente, contribuir para intervenções mais eficazes.

Palavras-chave: Certeza Vocacional, Identidade Vocacional, Indecisão Vocacional, Ensino Superior.

The career indecision in higher education students

Abstract

The literature has shown a significant percentage of students in higher education vocationally undecided. So we intend to analyze in higher education students the relationship of vocational certainty with vocational identity and the career indecision. And also study differences in these variables by gender and age of the participants and the course of study they attend. In this sense, three questionnaires have been applied (Vocational certain scale, Vocational Identity Scale and Indecision Scale Career) to 262 students from three public higher education institutions in Portugal. The results show that reducing the career indecision is associated to higher vocational certainty and higher levels of vocational identity. No gender differences in the variables were found. Regarding participants' stage of career development, results show significant differences concerning for vocational certainty and vocational identity, favouring participants in advanced stages of career development. We conclude also that master students show more defined vocational identity, more vocational certainty and lower levels of career indecision than undergraduate students. These results can contribute to a better understanding of career indecision in higher education students and thus contribute to more effective interventions.

Key-words: Vocational Certainty, Vocational Identity, Career Indecision, Higher Education.

Índice

| | |
|---|-----------|
| Agradecimentos | i |
| Resumo..... | iii |
| Abstract..... | v |
| Índice de Tabelas, Gráficos e Figuras | ix |
| Introdução..... | 1 |
| Parte I - Enquadramento teórico..... | 3 |
| 1. Indecisão vocacional | 3 |
| 1.1 Abordagens da indecisão vocacional e evolução do constructo..... | 3 |
| 1.2 Indecisão vocacional – Constructo multidimensional | 5 |
| 1.3 Indecisão vocacional e indecisão generalizada..... | 12 |
| 1.4 Determinantes da Indecisão vocacional..... | 14 |
| 1.5 Indecisão vocacional e identidade vocacional..... | 16 |
| 2. Ensino superior | 19 |
| 2.1 Ensino Superior Português | 19 |
| 2.2 Desenvolvimento psicossocial dos estudantes do Ensino Superior | 20 |
| 2.3 Desenvolvimento vocacional e Ensino Superior..... | 21 |
| Parte II -Estudo Empírico | 27 |
| 3. Objetivos e questões de investigação | 27 |
| 4. Método | 28 |
| 4.1. Amostra | 28 |
| 4.2. Instrumentos | 29 |
| 4.3. Procedimentos..... | 31 |
| 5. Resultados | 33 |
| 5.1. Incidência da indecisão vocacional nos participantes | 33 |
| 5.2. Relação entre certeza vocacional, identidade vocacional e indecisão na carreira | 33 |
| 5.3. Diferenças entre grupos..... | 34 |
| 6. Discussão dos Resultados | 37 |
| 6.1. Limitações e investigações futuras | 42 |
| Parte III-Conclusão | 45 |
| 7. Conclusão | 45 |
| Referências Bibliográficas | 49 |
| Anexos..... | 61 |

| | |
|---|----|
| Anexo I - Pedido de Autorização para Recolha de Dados nas Instituições..... | 63 |
| Anexo II – Pedido de colaboração aos alunos..... | 65 |
| Anexo III – Escala de Certeza Vocacional..... | 67 |
| Anexo IV – Escala de Identidade Vocacional | 69 |
| Anexo V – Escala de Indecisão Vocacional..... | 71 |

Índice de Tabelas, Gráficos e Figuras

| | Pág. |
|---|-------------|
| Figura 1. Taxionomia de Dificuldades de Tomada de Decisão de Carreira (Gati, e Osipow,1996) | 7 |
| Tabela 1. Distribuição dos participantes consoante as fases propostas por Super | 29 |
| Tabela 2. Matriz de correlações para certeza vocacional, identidade vocacional, e indecisão vocaciona..... | 33 |
| Tabela 3. Diferenças entre médias de resultados em função do género..... | 34 |
| Tabela 4. Diferenças entre médias de resultados em função da idade..... | 35 |
| Tabela 5. Diferenças entre médias de resultados em função do ciclo de estudos..... | 36 |

Introdução

A ocupação profissional tem sido considerada um dos grandes pólos da vida do indivíduo. As decisões vocacionais estão entre as decisões mais importantes que as pessoas tomam ao longo da sua vida, uma vez que têm implicações significativas nas diferentes áreas do desenvolvimento, designadamente social, familiar e pessoal (Gati & Tal, 2008). A escolha vocacional assume, assim, grande importância no plano individual, já que envolve a definição das futuras experiências profissionais, significando principalmente a definição de quem ser, muito mais do que a escolha do que fazer (Gati, Krausz & Osipow, 1996).

A escolha vocacional pode ser encarada como “o ato de escolher e de começar a conduzir um plano de ação entre vários possíveis” (Saint-Sermin, 1972, citado por Silva, 2004, p.351), “que se concretiza por um resultado, pela escolha de um acontecimento numa circunstância determinada” (Dosnon, 1996, citado por Silva, 2004, p.351). No entanto, fazer esta escolha nem sempre é fácil, e muitos se deparam com a indecisão vocacional.

A indecisão vocacional tem sido tipicamente definida pelas dificuldades que o indivíduo encontra quando toma decisões relacionadas com a carreira (Gati, Krausz, & Osipow, 1996; Saka, Gati, & Kelly, 2008). A indecisão vocacional constitui um domínio de investigação particularmente importante no âmbito das variáveis individuais relacionadas com o processo de decisão (Santos, 2007). De acordo com Kelly e Lee (2002), a seguir aos interesses, a indecisão vocacional é o constructo individual mais estudado da psicologia vocacional.

Uma das razões que estarão na base do interesse que a temática da indecisão vocacional suscitou nos investigadores prende-se, com a dimensão do fenómeno. Embora vários estudos apresentem resultados que sofrem oscilações consideráveis, parece não haver dúvidas que os números apontam para a conclusão de que uma parte significativa dos alunos se considera vocacionalmente indecisos (Santos, 2007).

Apesar de um volume considerável de investigação produzido ao longo de décadas, os resultados foram algo decepcionantes, não se tendo conseguido obter um conjunto sólido de conclusões que possibilitasse compreender melhor a indecisão vocacional (Dosnon, 1996). Torna-se então pertinente continuar a investigar temas como a indecisão vocacional, de modo a compreender os processos subjacentes às dificuldades de tomada de decisão vocacional (Santos, 2007).

O presente trabalho de investigação subordinado à temática “Indecisão vocacional nos alunos do Ensino Superior” desenvolveu-se, no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, na Universidade de Évora.

Este trabalho encontra-se organizado em três partes principais. Sendo que a primeira parte é dedicada à revisão de literatura sobre a indecisão vocacional, no qual se apresenta a definição do termo e a sua articulação com outros conceitos, bem como a relevância do seu estudo. Realça-se o conceito de identidade vocacional, focando a possível relação e/ou influência entre este conceito e a indecisão vocacional. Para além disso, caracteriza-se os alunos do Ensino Superior, e relaciona-se esta fase da vida dos indivíduos com a indecisão vocacional.

Finalizado o enquadramento teórico desta investigação, a segunda parte diz respeito ao estudo empírico e sua respetiva concretização. Assim, são descritos os objetivos do estudo e as hipóteses a testar, o método, com a descrição dos participantes no estudo, os instrumentos utilizados e os procedimentos adotados para a recolha dos dados. A Parte II destina-se também à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos, onde se afirmam ou infirmam as hipóteses previamente formuladas e se relacionam os resultados obtidos neste trabalho com outras investigações efetuadas neste domínio.

Por fim a Parte III remata o presente trabalho. Nesta parte, procura-se realizar uma reflexão integradora e analítica das principais conclusões desta investigação, assim como apresentar algumas limitações encontradas e perspetivar ideias para futuras investigações.

Parte I - Enquadramento teórico

1. Indecisão vocacional

O interesse em torno da indecisão vocacional é antigo, tendo Crites (1969) referenciado investigações que datam da década de 20. No entanto, apesar dos inúmeros estudos que têm vindo a ser realizados em torno do constructo, poucos são os autores que propõem uma definição clara do conceito (Santos, 2007). Ainda assim, segundo Crites (1969), a indecisão vocacional pode ser definida como *“a incapacidade do indivíduo em selecionar ou comprometer-se com um determinado rumo de ação que terá, como consequência, a sua preparação e ingresso numa profissão específica”* (p.303). Por seu turno, Dosnon (1996) define a indecisão vocacional como *“operacionalizada por um acontecimento comportamental, pela ausência de formulação de uma escolha escolar e profissional (...) e pela expressão de incerteza, de uma falta de confiança face a esta escolha”* (p. 130).

Mais recentemente, Forner (2001) apresenta uma definição mais completa: *“Qualificamos de “Vocacional” a indecisão que diz respeito às questões de carreira, às questões de formação e de atividade profissional. (...) Nesta indecisão vocacional podemos distinguir dois aspetos específicos: a indecisão que diz respeito à via de formação a seguir (...) e a indecisão que diz respeito à futura atividade profissional”* (p. 305).

Em suma, nesta investigação a indecisão vocacional, é entendida como *“expressão de incerteza e de falta de confiança face a uma escolha escolar ou profissional”* (Dosnon, 1996, p.130).

1.1 Abordagens da indecisão vocacional e evolução do constructo.

A forma como a investigação sobre a indecisão vocacional se processou foi marcada por diferentes abordagens e princípios orientadores de investigação aos quais subjazem diferentes conceções do constructo em análise (Santos & Coimbra, 1995). Assim para um melhor entendimento sobre esta temática, neste ponto iremos apresentar uma breve descrição de várias abordagens que a investigação foi produzindo sobre a indecisão vocacional.

A abordagem diferencial agrupa um conjunto de investigações, realizadas essencialmente no decurso das décadas de 60 e 70, que procurou analisar as

diferenças entre estudantes decididos e indecisos, analisando simultaneamente um elevado número de variáveis, tendo como objetivo identificar os fatores responsáveis pela indecisão, isto é, as variáveis que estariam na base das dificuldades em efetuar escolhas vocacionais.

Um estudo particularmente importante, inserido nesta abordagem, foi realizado por Baird (1969). A principal conclusão foi a de que não existiam diferenças significativas entre estudantes decididos e indecisos. Baird (1969) concluiu não existir nenhuma evidência empírica que confirme que os estudantes vocacionalmente indecisos sejam indivíduos psicologicamente desajustados. Também Lunneborg (1975, 1976 cit in Santos & Coimbra, 1995) realizou duas investigações, tendo incluído nesses estudos um elevado número de variáveis, e observou que praticamente não se registaram diferenças entre os dois tipos de estudantes.

Na abordagem diferencial, o constructo é percecionado como unidimensional e avaliado de forma categorial ou contínua, os estudos à luz desta abordagem partem de uma conceção de indecisão vocacional negativa associada a características psicológicas consideradas indesejáveis. No entanto os autores acima mencionados concluíram que a maioria dos estudantes indecisos não apresenta nenhuma característica psicológica negativa, salvo uma pequena percentagem de indivíduos para quem tomar decisões parece ser particularmente difícil (Santos, 2007).

No âmbito da abordagem desenvolvimentista o conceito de indecisão vocacional ganha uma complexidade acrescida e a decisão vocacional passa a ser vista como uma etapa de um processo de desenvolvimento, a maioria dos autores realça os estádios de desenvolvimento, as tarefas e os processos psicológicos que enquadram a indecisão e não tanto a própria indecisão em si mesma (Santos, 2007).

Segundo a perspetiva desenvolvimentista, o indivíduo indeciso encontra-se envolvido num processo de exploração vocacional e de escolhas provisórias, que antecedem um projeto mais amadurecido. Assim a indecisão vocacional, em particular a do adolescente e do jovem adulto, configura uma situação normativa (Dosnon, 1996; Forner, 2001). Esta conceção desenvolvimentista leva a um entendimento da indecisão vocacional como um fenómeno multidimensional. Assim, as dificuldades ao nível da escolha vocacional passam a ser perspetivadas como podendo ter várias causas.

Deste modo, o principal objetivo das investigações que se enquadram na abordagem multidimensional consistiu na identificação e caracterização das diversas dimensões subjacentes às dificuldades de escolha vocacional (Santos, 2007).

A conceção multidimensional da indecisão vocacional pode ser melhor entendida à luz do seu desenvolvimento, Savickas (1989) distinguiu três fases na evolução da avaliação da indecisão vocacional. Na primeira fase, estabeleceu-se uma conceção dicotómica do problema da indecisão vocacional pois os indivíduos eram classificados apenas como sendo vocacionalmente decididos ou indecisos. Numa segunda fase passou a perspetivar-se que entre os polos decidido e indeciso havia um contínuo onde os problemas de indecisão vocacional poderiam ser situados. Por fim, na terceira fase a indecisão vocacional é conceptualizada como um constructo multidimensional. Sendo que as duas primeiras fases abarcam a maior parte do século passado, desde 1900 até ao final da década de setenta, e testemunham uma abordagem deveras simplista e redutora do constructo de indecisão vocacional. Em contrapartida, desde os anos oitenta passámos a dispor de várias propostas sofisticadas, do ponto de vista psicométrico, da avaliação da indecisão vocacional (Silva, 2009). Em geral, estas radicam numa visão multidimensional dos fatores que atuam como hipotéticos antecedentes das dificuldades sentidas pelas pessoas em tomar decisões no campo vocacional (Chartrand, Robbins, Morrill, & Boggs, 1990 cit in Silva, 2009).

O estudo da indecisão vocacional evoluiu então de uma classificação dicotómica do problema, decidido/indeciso para um entendimento do constructo como multidimensional (Cardoso & Campos, 2008). Atualmente a indecisão vocacional é assumida, pela grande maioria dos autores, como um constructo multidimensional, ou seja é aceite que os indivíduos podem encontrar-se vocacionalmente indecisos por diversas razões (Santos, 2007).

1.2 Indecisão vocacional – Constructo multidimensional

Como visto anteriormente, a indecisão vocacional começou por ser concebida como um constructo unidimensional, mas desde a década de 60 que alguns autores defenderam a existência de diferentes causas relacionadas com a dificuldade em efetuar escolhas vocacionais (Santos 2013). Germeijs & Boeck (2002) chamaram a atenção para o facto de a investigação revelar a existência de uma imensa complexidade associada à Indecisão de vocacional e sugere que as formas de indecisão podem ser múltiplas.

Gordon (1998) apresentou uma classificação que designou de *estatutos de indecisão vocacional*, baseada num conjunto de quinze estudos, publicados entre o

início da década de 80 e meados da década de 90. Estes estatutos incluíram estudantes vocacionalmente decididos e indecisos, num gradiente que ia de: *muito decididos* (pessoas com planos vocacionais definidos que só muito raramente procuram a consulta vocacional), *algo decididos* (indivíduos que manifestam alguma dúvida e ambivalência relativamente à sua escolha vocacional); *decididos instáveis* (exibem, habitualmente, níveis mais ou menos elevados de instabilidade de objetivos e de ansiedade, embora evidenciando algum grau de certeza vocacional); *tentativamente indecisos* (sem terem efetuado uma decisão vocacional, estes indivíduos não se sentem particularmente desconfortáveis com a sua situação); *normativamente indecisos* (indivíduos que se encontram a lidar com as tarefas de exploração vocacional associadas ao processo de desenvolvimento e escolha vocacionais); *seriamente indecisos* (indivíduos que apresentam uma série de características psicológicas negativas, como por exemplo, um estilo de decisão dependente e *locus* de controlo externo, assim como baixos níveis de identidade vocacional e de autoestima); e finalmente, os indecisos crónicos (para além das características do grupo anterior estes sujeitos distinguem-se pela presença de níveis muito elevados de ansiedade).

Esta classificação ou estatutos de decisão vocacional pressupõem uma alteração qualitativa de enorme alcance ao nível teórico e de intervenção, dado que parte do princípio de que, quer indivíduos vocacionalmente decididos, quer indecisos, podem apresentar padrões qualitativamente distintos de desenvolvimento vocacional (Santos, 2007).

Um vasto corpo de investigadores tem então procurado compreender as múltiplas causas e fatores das dificuldades dos indivíduos em tomar decisões vocacionais num determinado momento da vida (Taveira, Cunha & Faria, 2009). Atualmente a indecisão vocacional é percecionada como um constructo multidimensional passível de serem identificados diferentes subtipos de indivíduos decididos e indecisos (Cardoso & Campos, 2008). No entanto, não é possível encontrar na literatura um consenso dos investigadores quanto à caracterização desses diferentes subtipos (Cardoso & Campos, 2008), facto justificado possivelmente pela heterogeneidade das características psicológicas passíveis de ser identificadas nos diversos subtipos (Holland & Holland, 1977).

1.2.1. Modelos multidimensionais da indecisão vocacional

Um modelo que tem assumido um importante papel na compreensão das dificuldades no processo de tomada de decisão vocacional, é o modelo proposto por Gati, Krausz e Osipow (1996).

Gati, Krausz e Osipow (1996) propuseram uma taxionomia explicativa das principais fontes das dificuldades sentidas num processo de tomada de decisão. Esta taxionomia foi desenvolvida a partir das dificuldades encontradas na teoria e nos estudos empíricos. Depois de reverem os principais modelos de decisão e taxionomias de problemas associados à escolha e desenvolvimento de carreira os autores propõem uma representação hierárquica das dificuldades de decisão de carreira.

Primeiro Gati, Krausz e Osipow (1996) separam as dificuldades que podem ocorrer antes do início do processo de decisão, e as que surgem durante o processo de decisão. Num segundo momento, são identificadas as principais fontes de dificuldades e num terceiro nível, encontram-se representadas dez categorias específicas das fontes de dificuldades (cf. figura 1).

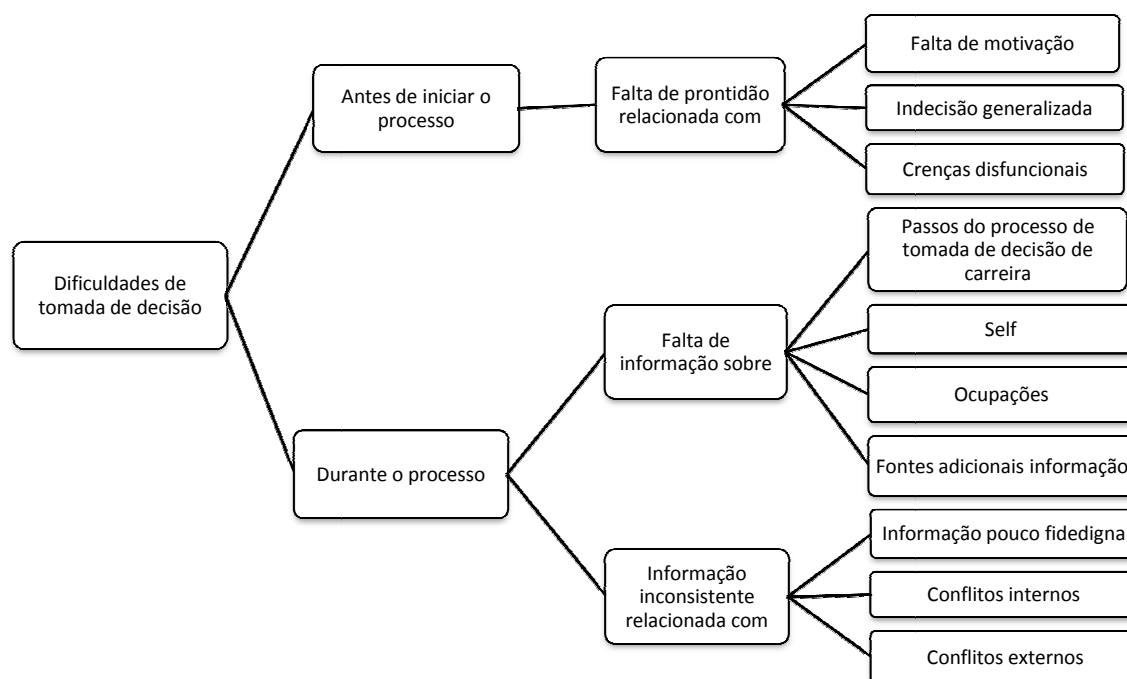


Figura 1. Taxionomia de Dificuldades de Tomada de Decisão de Carreira (Gati, Krausz & Osipow, 1996)

Para os autores, as dificuldades num processo de tomada de decisão advêm de três fontes principais: (a) falta de prontidão, para iniciar um processo de tomada de

decisão; (b) falta de informação no decurso do processo, e (c) informação inconsistente, também no decurso desse processo (Gati, Krausz & Osipow, 1996).

Na categoria, falta de prontidão, encontram-se três subcategorias específicas: a falta de motivação para se implicar no processo de decisão, a indecisão generalizada a respeito de todos os tipos de tomada de decisão e as crenças disfuncionais acerca da decisão de carreira.

A categoria falta de informação inclui quatro subcategorias: falta de informação acerca dos passos do processo de tomada de decisão de carreira, falta de informação acerca do self, falta de informação acerca das profissões/ocupações, e falta de informação de fontes adicionais de informação.

Por fim, a categoria Informação Inconsistente, integra três subcategorias: Informação pouco fidedigna, Conflitos Internos e Conflitos Externos – que envolve conflitos com outros significativos da vida do indivíduo.

Importa realçar que de acordo com esta perspetiva, o indivíduo pode apresentar uma única dificuldade ou uma combinação de várias dificuldades, e estas dificuldades podem ser encontradas em uma ou várias categorias e subcategorias.

Por seu turno, Germeijs e De Boeck (2003), numa investigação, baseada numa abordagem normativa do processo de decisão, partiram do pressuposto, de que a indecisão vocacional poderia ser decomposta em três fatores principais: a falta de informação, problemas com o processo de avaliação e incerteza relativamente aos resultados. Sendo que a falta de informação remete para a ausência de perceção relativamente às alternativas disponíveis, desconhecimento sobre os atributos das alternativas e ausência de informação sobre as alternativas e as suas possíveis consequências. Os problemas com o processo de avaliação dizem respeito a valores pouco claros, conflitos de valores e uniformidade de valores. Por fim a incerteza relativamente aos resultados refere-se à incapacidade pessoal em avaliar as consequências das opções ou impossibilidade em determinar essas mesmas consequências em função da indivisibilidade dos fenómenos.

O que a investigação de Germeijs e De Boeck (2003) tentou determinar foi a relação entre estes três fatores e a indecisão vocacional, por um lado, e a relação entre a indecisão generalizada e a indecisão vocacional, por outro. Os autores constataram que o modelo dos três fatores apresentava bons Índices de ajustamento. A indecisão vocacional foi apenas predita pelo fator de avaliação e pelo fator de incerteza relativamente aos resultados. O fator relacionado com a falta de informação

não se refletia na indecisão vocacional, facto que os autores interpretaram como sendo reflexo de a amostra ser constituída por estudantes finalistas do ensino secundário que pretendiam candidatar-se ao ensino superior. Por este motivo estariam já relativamente avançados no seu processo de decisão vocacional (Germeijs & De Boeck, 2003).

Por fim, verificaram que a indecisão generalizada se encontrava relacionada com a indecisão vocacional, constatando-se que os fatores de avaliação e de incerteza relativamente aos resultados mediavam esta relação. Estas duas constatações são particularmente importantes, uma vez que procuraram responder diretamente às críticas de vários autores, nomeadamente a expressa por Slaney (1988, cit in Santos, 2007), que clamaram por uma distinção mais clara entre indecisão vocacional e indecisão generalizada. O que os resultados tendem a apontar é que é possível distinguir indecisão vocacional, definida como a dificuldade em efetuar uma escolha vocacional específica, e indecisão generalizada, definida como a dificuldade em tomar decisões. Os dois constructos encontram-se naturalmente relacionados, mas são claramente distinguíveis (Santos, 2007).

Para Brown e McPartland (2005) grande parte da pesquisa sobre problemas de indecisão vocacional parece ter sido impulsionada por duas ideias importantes. Primeiro, Holland e Holland (1977, cit in Brown & Rector, 2008) observaram que a indecisão profissional é um constructo multidimensional e sugeriram vários subtipos de indivíduos indecisos vocacionalmente: (a) as pessoas com deficits de informação e de habilidades, (b) aqueles com barreiras pessoais e ambientais significativas, e (c) os indivíduos com identidades difusas e pouco claras, e com níveis significativos de ansiedade e imaturidade. Em segundo lugar, Salomone (1982, cit in Brown & Rector 2008), baseado nas suas experiências clínicas, sugeriu que muitos dos seus clientes pareciam ser cronicamente indecisos, embora eles entrassem no aconselhamento procurando ajuda para as dificuldades de tomada de decisão vocacional, tinham uma longa história de dificuldades na tomada de decisões importantes na vida.

Segundo Brown e McPartland (2005), estes dois trabalhos sugerem que os problemas na tomada de decisão vocacional podem ser causados por uma série de fatores psicológicos, cognitivos, emocionais e contextuais, e que os diferentes subtipos de clientes podem ser identificados com base nos défices de informação, identidade e outras características psicológicas, e experiências contextuais. Os autores defendem que vários fatores pessoais (por exemplo, ansiedade, medo do compromisso, e instabilidade nos objetivos) e contextuais (por exemplo, os conflitos interpessoais,

barreiras externas) estão relacionados com a indecisão vocacional e podem, individual ou coletivamente, contribuir para as dificuldades de tomada de decisão vocacional dos indivíduos.

Vários estudos têm procurado identificar subtipos homogêneos de pessoas vocacionalmente indecisas usando uma variedade de amostras e medidas (Brown & Rector, 2008). Embora seja difícil sintetizar as conclusões de vários estudos Brown e Rector (2008) apresentaram um modelo que procurou descrever os diversos tipos de indecisão vocacional que a investigação foi evidenciando, o modelo dos quatro fatores da indecisão vocacional.

Assim, Brown e Rector (2008) propuseram que a indecisão de carreira é composta por quatro fatores: 1) indecisão crônica, 2) falta de informação, 3) conflitos e barreiras interpessoais, e 4) falta de prontidão.

O primeiro fator, indecisão crônica, é definido principalmente por: (a) ansiedade de traço e de estado, o afeto depressivo e o traço de neuroticismo; (b) baixos níveis de autoestima, de resiliência psicológica e confiança geral para a resolução de problemas; (c) uma tendência a concentrar-se e temer o que pode dar errado com as decisões (medo do compromisso) que levam a estratégias caracterizadas por evitação ao invés de uma abordagem de enfrentamento, dependência de outras pessoas para tomar decisões importantes; e (d) crenças que a vida está sob o controle do acaso/sorte, outros poderosos ou outros fatores externos (Brown & Rector, 2008).

Para os autores a presença deste fator, confirma que a indecisão crônica pode representar uma importante fonte de dificuldades de tomada de decisão vocacional. Também nos permite compreender a constelação de características dos indivíduos cronicamente indecisos. Eles são suscetíveis de serem autocríticos, propensos à ansiedade e a sentirem-se como tendo pouco controle sobre as suas vidas, pouca confiança nas suas capacidades para resolver problemas em geral, tendem a concentrar-se sobre as consequências negativas da tomada de decisão, evitam situações difíceis e são propensos a procurar ou confiar demais na opinião dos outros sobre a situação (Brown & Reitor, 2008). Estas características suportam semelhanças notáveis com as características dos clientes cronicamente indecisos descritos por Salomone (1982, cit in Brown & Rector, 2008).

O segundo fator caracteriza a dimensão da falta latente de informações. O fator falta de informação é definido por falta de informações sobre: o próprio, o processo de tomada de decisão, profissões e meios de acesso à informação.

O terceiro fator reflete problemas de tomada de decisão vocacional envolvendo conflitos e barreiras interpessoais. Para os autores é claro que as barreiras e conflitos interpessoais podem representar uma fonte significativa de dificuldades na tomada de decisões para alguns clientes e recomendam que a pesquisa futura deve estudar mais plenamente o papel deste fator nas dificuldades de tomada de decisão vocacional, especialmente entre as mulheres, os pobres e as pessoas de cor (Brown & Rector, 2008).

O quarto fator, falta de prontidão, assemelha-se ao fator de difusão de identidade sugerido por outros (e.g., Brown & Krane, 2000; Kelly & Lee, 2002; cit in Brown & Rector, 2008), mas é, pensam os autores, mais do que isso. Embora este fator seja definido por uma identidade difusa (por exemplo, pontuações baixas MVS-identidade), também é marcada por variáveis que refletem a falta de confiança na capacidade de tomar decisões na carreira, atitudes imaturas de carreira (incluindo a adesão aos mitos de carreira e outras atitudes disfuncionais), objetivos de carreira instáveis, uma probabilidade reduzida de estar num estado de ego-identidade atingido (ego-identity-achieved status), e uma concomitante falta de motivação para fazer e comprometer-se a uma decisão profissional (Brown & Rector, 2008). Este fator pode simplesmente significar que os indivíduos ainda não desenvolveram as atitudes, o autoconhecimento e habilidades na definição de metas para fazer e comprometer-se com uma decisão profissional. Tal padrão de deficits é normativamente esperado e pode não se tornar problemático, até as pessoas chegarem a uma idade em que a tomada de decisão vocacional é necessária ou esperada. A diferença do fator falta de prontidão e indecisão crónica é que o primeiro é caracterizado pela dificuldade em tomar uma decisão específica (decisão sobre estudo e trabalho) e o segundo reflete dificuldades mais generalizadas (Brown & Rector, 2008).

Para vários autores a indecisão vocacional inserida num processo de escolha que ocorre no decurso do desenvolvimento, sobretudo na adolescência, configura não só um comportamento normativo (Santos, 2000), como desejável, reduzindo a possibilidade do indivíduo realizar uma escolha precipitada, resultante, por exemplo, de pressões externas (Crites, 1981, 1983, *cit. in* Santos, 2000). A indecisão crónica não deverá ser considerada como parte deste processo de desenvolvimento normativo, uma vez que caracteriza a dificuldade em tomar decisões nas diversas áreas de vida do indivíduo (Cardoso & Campos, 2008).

Os modelos multidimensionais apresentados testemunham o consenso, cada vez mais alargado que a indecisão vocacional é um constructo multidimensional que

corresponde a uma fase normal do desenvolvimento e que a indecisão crónica ou generalizada corresponde a uma situação de dificuldade generalizada de tomar decisões (Betz, 1992; Brown & Krane, 2000).

1.3 Indecisão vocacional e indecisão generalizada

A investigação tem-se concentrado na definição e determinação de diversos tipos e categorias de indecisão vocacional (Wanberg & Muchinsky, 1992). Um tema considerado na maioria das tipologias de indecisão vocacional é o da diferenciação entre indecisão vocacional e indecisão generalizada (ou crónica) (Germeijs & Boeck 2002).

A maioria dos indivíduos experiencia um tipo de indecisão normativa que é adequada no plano do desenvolvimento vocacional, que resulta de limitações na exploração do self e do contexto (Santos & Ferreira, 2015). Por sua vez, a indecisão generalizada constitui um traço estável de funcionamento psicológico que se encontra presente em outros domínios de vida, não sendo exclusivo da dimensão vocacional, os indivíduos parecem ter dificuldade em fazer todos os tipos de decisões, sejam elas de grande ou pouca importância (Crites 1969, Tylor 1969, Osipow 1999, Santos & Ferreira 2015). Sendo que esta dificuldade ocorre mesmo quando o indivíduo dispõe de todas as condições para poder efetuar essa escolha (Santos, 2000).

Gati, Krausz, e Osipow (1996), sugeriram que as várias dificuldades associadas com indecisão vocacional podiam ser classificadas em 10 categorias significativas, uma das quais é descrita como indecisão geral para todos os tipos de tomada de decisão. Também Brown e Rector (2008) no modelo dos quatro fatores da indecisão vocacional identificaram a indecisão crónica como um desses fatores.

Embora não tenha ainda sido proposta uma definição consistente de indecisão generalizada, é possível, no entanto, apontar alguns indicadores que dão conta dos contornos deste constructo (Santos, 2011). Por exemplo, Germeijs e De Boeck (2002) descreveram vários, de entre os quais realçamos os seguintes: 1) dificuldade em tomar decisões; 2) tendência para o adiamento de escolhas; 3) tendência para prolongar o processo de decisão; 4) tendência para delegar em terceiros a responsabilidade das decisões; 5) instabilidade da decisão; e 6) preocupações e arrependimento sobre decisões tomadas.

Para Goodstein (1972, *cit. in* Vondracek, Hostetler, Schulenberg, & Shimizu, 1990) a indecisão generalizada representa um estado mais patológico da indecisão. De facto, a indecisão generalizada tem sido associada a diferentes características

psicológicas disfuncionais (Santos, 2007). Estudos a partir de casos clínicos ou de amostras de indivíduos avaliados com medidas estandardizadas têm evidenciado a estreita relação da indecisão generalizada com: 1) *características da personalidade*: níveis elevados de ansiedade (e.g. Chartrand & Robbins, 1990; cit in Cardoso & Campos 2008), ansiedade traço (Santos, 2001), identidade pouco definida (e.g. Fuqua & Hartman, 1983; cit in Cardoso & Campos 2008), baixa autoestima (e.g. Chartrand & Robbins, 1990; cit in Cardoso & Campos 2008), pouca satisfação com a vida (Rassin & Muris, 2005), maior instabilidade de objetivos (Chartrand & Robbins, 1990; cit in Cardoso & Campos 2008), neuroticismo (Kelly & Pullver, 2003; cit in Cardoso & Campos 2008); 2) *a psicopatologia*, especialmente a depressão (Haraburda, cit in Santos, 2007; Sweeney & Schill, 1998; cit in Cardoso & Campos, 2008) e a perturbação obsessivo-compulsiva (e.g. Frost & Gross, 1993; cit in Cardoso & Campos 2008).

Santos (2001) numa investigação, realizada com estudantes do ensino médio, verificou que as variáveis ansiedade, locus de controlo, autoestima, identidade e separação psicológica face às figuras parentais eram preditores da indecisão generalizada, sendo que a ansiedade demonstrou ser o preditor mais forte do conjunto das cinco variáveis.

Segundo Santos (2013) alguns estudos tem evidenciado níveis mais elevados de indecisão generalizada ou crónica por parte das mulheres. Rassin e Muris (2005) referem que estas apresentam uma maior incidência de perturbações de ansiedade, e sabe-se da existência de uma associação estreita entre a ansiedade e as dificuldades de decisão (Harren, 1979). Portanto, a existência de um nível mais elevado de indecisão generalizada por parte das mulheres poder-se-ia explicar pelo fato de o gênero feminino apresentar uma maior percentagem de perturbações de ansiedade (Santos, 2013).

A indecisão vocacional crónica constitui, um subtipo específico de indecisão vocacional, que tem vindo a ser objeto de particular interesse nas últimas décadas, podendo a mesma ser considerada um subtipo da indecisão vocacional que se posiciona no extremo do contínuo decisão-indecisão (Cardoso & Campos, 2008). A indecisão vocacional crónica é então conhecida como uma incapacidade generalizada para tomar decisões sobre a carreira (Gauy et al., 2006).

1.4 Determinantes da Indecisão vocacional

A investigação sobre a indecisão vocacional tem suscitado um grande interesse por parte dos investigadores e, conseqüentemente, produzido um conjunto significativo de estudos (Santos, 2000). Facto que contribui claramente para a compreensão deste fenómeno, assim através da revisão de literatura é possível identificar variáveis que podem ser consideradas determinantes da indecisão vocacional. Por exemplo Naidoo (1998; cit in Talib & Aun 2009) fornece evidências de que a indecisão vocacional pode ser influenciada pela idade, etnia, estatuto socioeconómico, saliência de trabalho e género.

1.4.1 Variáveis demográficas – Género, nível de escolaridade e idade

Os estudos que relacionam a indecisão vocacional com o género dos participantes evidenciam resultados mistos. Por exemplo, em alguns estudos não foram encontradas diferenças de género em relação à indecisão vocacional (e.g. Akos, Konold, & Niles, 2004; Hampton, 2006). No entanto, os estudos de Patton (2001 & 2002, cit in Talib & Aun 2009) indicaram que as mulheres apresentaram níveis mais elevados de indecisão. Também num outro estudo, com estudantes universitários, Zhou e Santos (2007) relataram que os homens tiveram menos dificuldades do que as mulheres na tomada de decisão vocacional.

Ainda neste contexto, Millard, Habler e List (1984) mencionam que os rapazes são menos indecisos, porque são capazes de considerar um maior número de alternativas e de seleccionar aquela que se adequa mais às suas características. Os resultados obtidos por Emmanuelle (2009) estão em consonância com o supracitado, facto este que é, no entanto, contradito por Walker e Backer (1993, cit in Santos, 2007).

Ao nível da escolaridade os estudos evidenciam que à medida que os indivíduos evoluem nos seus níveis de escolaridade aumentam os níveis de certeza vocacional (Neice & Bradley, 1979; Watson, Creed & Patton, 2003).

Relativamente à idade é ilustrativo o estudo de Prideux e Creed (2002) que evidenciou uma relação negativa entre a idade e as dificuldades de tomada de decisão vocacional. Por sua vez, Zhou e Santos (2007) constataram que, os estudantes universitários mais velhos não apresentaram uma diminuição nas dificuldades de tomada de decisão vocacional, quando comparado com os seus homólogos mais jovens.

1.4.2 Variáveis da personalidade

Ao longo do tempo, diversas investigações têm procurado, relacionar a indecisão vocacional com uma série de variáveis de personalidade, como a ansiedade, a identidade vocacional, os estilos de tomada de decisão e as percepções da resolução de problemas (Larson, Heppner, Ham & Dugan, 1988). Os estudos têm revelado a relação da indecisão vocacional com diferentes variáveis emocionais e de personalidade, tais como a ansiedade (Saka & Gati, 2007; Santos, 2001), a autoestima e a autoconfiança (Santos, 2001), o pessimismo (Saka & Gati, 2007; Saka, Gati, & Kelly, 2008), a exploração vocacional (Taveira, 1997), e a identidade vocacional (Holland & Holland, 1977; Santos, 2001; Taveira 1997).

Os resultados de um estudo realizado com 1005 estudantes do ensino superior e 692 do ensino secundário (Holland & Holland, 1977) indicam que a identidade e a maturidade vocacional dos indivíduos condicionam a forma como este se percebem, enquanto decididos ou indecisos. Sendo que a identidade vocacional, foi a única variável capaz de distinguir alunos vocacionalmente decididos e indecisos, nos quais predominaram valores mais baixos de decisão nas suas escolhas vocacionais. (Holland & Holland, 1977).

Também os resultados obtidos num estudo de Santos e Ferreira (2015), ressaltam a importância do papel da identidade vocacional, sendo que os indivíduos indecisos evidenciaram um baixo nível de identidade vocacional, ou seja, os resultados demonstraram que os indivíduos indecisos apresentam um baixo nível de desenvolvimento da identidade avaliada pelo domínio vocacional.

1.4.3 Outras variáveis

As influências familiares (e.g., relação pais-filhos) estão relacionadas com a indecisão vocacional (Saka & Gati, 2007; Saka, Gati, & Kelly, 2008). Um trabalho de revisão de literatura evidenciou que uma vinculação segura tende a assegurar um desenvolvimento vocacional saudável e normativo (Blustein, Walbridge, Friedlander, & Palladino, 1991). Noutro estudo, a aceitação parental na infância e o ajustamento psicológico estavam significativamente relacionados com a indecisão vocacional nas mulheres (Rohner, Rising, & Sayre-Scibona, 2009).

As emoções podem constituir-se outro fator importante na tomada de decisão pois assumem um papel relevante no autoconhecimento do indivíduo, nas relações interpessoais e como fonte geradora de mudança no processo de tomada de decisões

(Cardoso, 2004). Law (1996) afirmou, que o desenvolvimento vocacional é sempre emocionalmente investido, Meijers (2002) evidenciou o papel nuclear que as emoções desempenham no processo de construção e reconstrução da identidade vocacional no seio das sociedades contemporâneas. Estes estudos e os anteriormente referidos apontam, entre outras variáveis, para o papel que a identidade vocacional pode ter para a maior ou menor certeza dos indivíduos relativamente aos seus planos de carreira. A relevância do constructo e o facto de ser uma das variáveis consideradas no presente estudo levam a que se lhe dedique maior atenção na secção seguinte deste trabalho.

1.5 Indecisão vocacional e identidade vocacional

Ao longo desta revisão de literatura, tem sido referida a importância da exploração e clarificação do autoconceito enquanto fator importante para facilitar a decisão vocacional. Isto remete para o entendimento da relação entre indecisão vocacional e identidade vocacional.

Esta relação entre indecisão vocacional e identidade vocacional está de alguma forma presente nos trabalhos de Erikson (1950) sobre a construção da identidade adolescente. De facto, este autor notou que a realização de uma identidade no domínio da psicologia vocacional é muitas vezes o aspeto mais desafiador e evidente do processo de formação de identidade para os adolescentes (Blustein & Noumair, 1996; cit in Martins & Carvalho 2013).

Marcia (1966, 1976, 1980) defende que o período correspondente à frequência do Ensino Superior é, por excelência, um período que leva os jovens a explorar de forma mais ampla e variada as questões associadas à construção e definição da sua identidade e a assumir compromissos mais firmes e definitivos nas áreas vocacional, ideológica (religiosa e política) e interpessoal/sexual das suas vidas. Sendo que a dimensão vocacional assume um papel central na formação da identidade quando comparado com outros domínios do constructo da identidade (Santos, 2015). O desenvolvimento no domínio vocacional parece ser a força motriz do desenvolvimento da identidade dos jovens no contexto dos países industrializados (Skorikov & Vondracek, 1998).

Considerando a estreita relação entre construção identitária e o domínio vocacional, o constructo de identidade vocacional foi definido por Holland e Holland (1977) como tendo a ver com a posse de uma imagem clara e estável de objetivos (presentes e futuros), interesses e talentos, o que permite direccionar o percurso

vocacional dos indivíduos. Esta definição remete para a possibilidade de se poder diferenciar entre uma identidade vocacional clara de uma identidade vocacional difusa. Uma identidade vocacional clara e consistente percebe-se no indivíduo pela sua capacidade de fazer escolhas e tomar decisões e para “fazer um trabalho competente, ser satisfeito e pessoalmente eficaz e exercer adequado comportamento social e educacional” (Holland, 1985, p. 40). Pelo contrário, uma identidade difusa e pouco consistente reflete-se no indivíduo pela sua falta de confiança na capacidade de tomar decisões.

O domínio vocacional é uma das áreas de conteúdo da identidade mais importantes na adolescência e início da vida adulta (Taveira, 2000). A definição de si e do seu lugar no mundo assume particular destaque dentro das tarefas do desenvolvimento com as quais os jovens adultos, se devem confrontar para aceder ao mundo dos adultos, (Keniston, 1965; cit in Sprinthall & Collins, 1994). O problema fulcral deste período é a tensão entre o indivíduo e a sociedade, os jovens questionam-se sobre como podem tornar-se um membro efetivo da sociedade adulta e honrar, ao mesmo tempo, o seu sentido de integridade pessoal (Keniston, 1971).

Atendendo a que o adolescente não está a escolher só o que quer fazer no futuro, mas também quem ele quer ser, “a escolha profissional está intimamente ligada ao projeto pessoal. Assim, é importante que o jovem esteja consciente de quem ele é e do que deseja para si ao elaborar o seu projeto de vida” (Almeida, 2008, p.37). Para alguns autores (e.g., Harman, 1976; Rose & Elton, 1971; cit in Taveira 2000) muitos jovens podem não só estar indecisos quanto à carreira, mas também não compreenderem quem são.

A criação de uma identidade vocacional pode servir como um veículo através do qual os adolescentes atualizam seus autoconceitos emergentes e integram aspetos passados e presentes de si mesmos (Erikson, 1963; Super, 1963, cit in Gushue Scanlan, Pantzer, & Clarke, 2006).

Holland e Holland (1977) ao tentarem diferenciar os alunos decididos dos indecisos, observaram que os alunos indecisos tinham um sentimento menos claro da sua identidade, ou seja, tinham uma visão inconstante deles próprios e eram mais imprecisos a relacionar as características pessoais com as do mundo profissional. De facto, existem relações empiricamente comprovadas entre o desenvolvimento da identidade e o desenvolvimento vocacional (Erikson, 1959; Super, 1957, cit in Perron, Vondracek, Skorikov, Tremblay & Corbière, 1998).

Galinsky e Fast (1966, cit in Taveira, 2000) estudaram a relação existente entre o conceito de identidade e o de indecisão e concluíram que os jovens não eram capazes de concretizar uma escolha em relação à carreira com sucesso devido a problemas de desenvolvimento da identidade.

Gordon e Kline (1989, cit in Santos, 2007) verificaram que a identidade moratória estava significativamente relacionada com a indecisão, ao passo que a identidade realizada era adotada sobretudo pelos alunos vocacionalmente decididos. Santos (2007) partilha desta opinião e complementa referindo que, à semelhança da identidade realizada, os alunos com identidade outorgada também evidenciam elevados índices de decisão (independentemente da qualidade de construção dos seus projetos vocacionais) e que tanto os indivíduos com identidade moratória como difusa evidenciam maior indecisão vocacional.

Num estudo, Johnson, Buboltz e Nichols (1999), verificaram que a identidade vocacional está mais consolidada entre os adolescentes mais velhos, e que frequentam níveis de escolaridade superiores. Archer (1982, cit in Hartung, Porfeli & Vondracek, 2005) através de uma investigação verificou que se assiste a um aumento significativo da identidade realizada em adolescentes.

A investigação realizada junto de estudantes universitários, por exemplo, com base no modelo de identidade de James Márcia (1966, 1980), apoia a assunção de mudança de estatuto de identidade, ao longo dos anos de frequência do ensino superior, no sentido de uma resolução mais positiva das questões de desenvolvimento psicossocial (eg., Adams & Fitch, 1982; cit in Silva, Taveira, & Fernandes 2006). No entanto, como conclui Waterman (1982; cit in Silva, Taveira, & Fernandes 2006), estes ganhos parecem ser mais claros para os jovens que frequentam o ensino superior em idades regulares.

O estatuto de identidade de um estudante universitário, neste enquadramento teórico, não é visto como um estado permanente mas, antes, como um estado que pode sofrer alterações, em função de mudanças psicológicas internas e/ou de mudanças externas (Silva, Taveira, & Fernandes, 2006). Neste sentido, a aproximação do final do curso pode, em si mesmo, constituir-se como um período de transição e despoletar uma ativação da exploração nos diferentes domínios da identidade, promovendo o estabelecimento de compromissos mais firmes no domínio vocacional, ideológico ou ético (Silva, Taveira, & Fernandes, 2006).

Num estudo de Silva, Taveira, e Fernandes (2006) os resultados foram consistentes com a teoria da identidade vocacional e com os resultados de

investigações congêneres realizadas com estudantes universitários, sugerindo que os modos de construção da identidade pessoal e de carreira mudam ao longo dos anos de frequência do ensino superior e no sentido de uma resolução mais positiva das questões de identidade (Taveira, 1997).

A investigação nas áreas do desenvolvimento da identidade, do autoconceito académico e social, têm demonstrado com consistência que os estudantes mudam durante a passagem pela universidade (Silva, Taveira, & Ribeiro, 2011). De forma geral, ao longo do ensino superior, os estudantes tornam-se mais confiantes quanto às suas competências académicas e sociais e desenvolvem um maior sentido de valor pessoal e de identidade (e.g. Adams & Fitch, 1982, cit in Silva, Taveira, & Ribeiro, 2011).

2. Ensino superior

Neste ponto perspetiva-se o Ensino Superior como importante momento do desenvolvimento de carreira dos indivíduos onde as questões vocacionais assumem um papel preponderante.

2.1 Ensino Superior Português

A Universidade portuguesa é uma instituição que ao longo do tempo foi sofrendo mudanças, de forma a acompanhar as transformações que foram decorrendo na sociedade. Estas mudanças fizeram-se sentir sobretudo a partir da década de 70 do século passado. Aquando da revolução de Abril de 1974, o nível geral de educação em Portugal era muito baixo, tal como era baixa a taxa de participação no ensino superior. Até meados da década de 70, e contrariamente à situação atual, o Ensino Superior português era quase exclusivamente público e universitário, abrangendo uma fração da população muito reduzida e oriunda, essencialmente, de estratos socioeconómicos mais favorecidos da sociedade portuguesa (Seixas, 2000) e apresentava uma oferta educativa muito limitada, comparada com a dos dias de hoje.

A par das alterações introduzidas com a nova legislação da Constituição de 1976, outros fatores contribuíram para aumentar a frequência no ensino superior, tais como as melhorias nas estruturas económicas e sociais, o prolongamento da

escolaridade obrigatória, bem como a melhoria nas condições de trabalho que o mercado oferecia aos diplomados (Seixas, 2003).

Assim, a partir da década de 70, assiste-se, a um aumento significativo na procura deste nível de ensino. Nas últimas décadas o sistema de ensino superior em Portugal tem sido palco de profundas mudanças; cresceu e diversificou-se com o aparecimento de novas instituições, novas áreas de ensino e formação, e a chegada de estudantes diferentes dos tradicionais, em idade, origem socioeconómica e situação perante o mercado de trabalho (Fonseca & Encarnação, 2012).

De facto, o processo de democratização da sociedade portuguesa permitiu o acesso ao Ensino Superior de indivíduos oriundos de todas as classes sociais, o que se refletiu na sua progressiva heterogeneização (Vieira, 1995). Paralelamente assiste-se a um aumento da participação feminina neste nível de ensino, se na década de 70, as mulheres representavam 31% do número total de inscritos nas Universidades portuguesas (cf. ME-DGES, 1999), atualmente há um equilíbrio global entre a participação de homens e mulheres. Testemunhando o processo de democratização do Ensino Superior, verifica-se atualmente que o padrão social e etário das universidades portuguesas adquiriu uma nova reconfiguração e temos vindo a assistir ao aumento progressivo de estudantes universitários adultos (Quintas et al, 2014), assim embora se verifique que a maioria da população é jovem (entre os 18 e 21 anos), regista-se o ingresso de um número crescente de alunos mais velhos e também de alunos de outras nacionalidades (cf. ME-DGES, 1999).

2.2 Desenvolvimento psicossocial dos estudantes do Ensino Superior

A faixa etária correspondente ao jovem adulto é o momento onde a maioria dos indivíduos frequenta o ensino superior, destacando-se como um período do desenvolvimento próprio, com o objetivo do estabelecimento da identidade e intimidade, sendo o meio universitário rico em contextos e vivências (Chickering & Reisser 1993). Os adolescentes que ingressam o ensino superior (adiando a entrada no mundo do trabalho) têm vivências e tarefas de desenvolvimento que a frequência da universidade proporciona (Keniston, 1971). O estudante universitário experiencia um contexto propício à aprendizagem de interesses, estimulação intelectual, conhecimento da sua identidade e exploração de relações interpessoais (Medalie, 1981, cit in Kohlstedt, 2011). Assim, a Universidade, enquanto instituição, é um contexto privilegiado ao desenvolvimento de experiências e vivências com impacto no

desenvolvimento de autonomia, identidade, relações interpessoais ou projeto vocacional (Chickering, 1969, cit in Almeida et al 1998). A frequência na universidade é então para o jovem estudante, um período de grandes mudanças, fazendo apelo à sua flexibilidade, adaptação e ajustamento no desempenho de vários papéis sociais e no confronto com as diversas tarefas que caracterizam este período (Vondracek, Lerner & Schulenberg, 1983, 1986) em especial nas que remetem para o desenvolvimento vocacional.

Artur Chickering (1969), ao formular a sua teoria sobre o desenvolvimento psicossocial dos estudantes do Ensino Superior, assume o desenvolvimento psicossocial como um processo de mudança em espiral, que engloba um conjunto de sete vetores ou dimensões de desenvolvimento: (i) desenvolver o sentido de competência; (ii) gerir as emoções; (iii) desenvolver a autonomia; (iv) desenvolver a identidade (v) desenvolver as relações interpessoais; (vi) desenvolver o sentido da vida; e (vii) desenvolver a integridade.

Os três primeiros vetores tendem a acontecer em simultâneo e, uma vez resolvidas as tarefas inerentes a cada um deles (sentido de competência, gestão das emoções e autonomia), dão lugar às tarefas seguintes, correspondentes aos quatro últimos vetores, mais frequentemente observadas entre os alunos dos dois últimos anos (Chickering & Reisser, 1993).

Considerando o modelo de Chickering (1969; Chickering & Reisser, 1993), nos anos finais do curso, as questões vocacionais emergem como um dos vetores centrais do desenvolvimento psicossocial dos jovens adultos do Ensino Superior.

2.3 Desenvolvimento vocacional e Ensino Superior

2.3.1. A perspectiva Life-Span / Life-Space

O desenvolvimento vocacional é um processo contínuo desde a infância até à velhice (Balbinotti, 2003). Os diferentes momentos deste processo colocam desafios com especificidades que são concetualizadas nas abordagens desenvolvimentistas da carreira. Neste sentido, a Teoria Life-Span, Life-Space (1957; Super, 1980; Super, Savickas & Super, 1996) é relevante pois concebe o desenvolvimento de carreira como um processo que ocorre ao longo a vida (life span), nos vários contextos sociais (life space) influenciado por fatores biológicos, psicológicos e socioeconómicos (Super,

1990). Super (1957) define estádios de desenvolvimento na carreira com tarefas de desenvolvimento específicas.

O primeiro, é o estágio de crescimento, vai da infância até à adolescência e está dividido nos subestádios: Fantasia (0-4 anos), Interesses (7-10 anos) e Capacidade (10- 14 anos). Considerado o estágio Crescimento como um todo, este define-se pelo desenvolvimento de necessidades, interesses, capacidades e atitudes associadas ao autoconceito, onde a criança desenvolve uma visão acerca de si própria como trabalhadora e avalia o seu potencial para a realização e começa a adquirir as atitudes e competências que determinarão o seu futuro sucesso no mundo escolar e profissional (Taveira, 1999).

O estágio Exploração (dos 15 aos 25 anos de idade) vai da adolescência até o início da vida adulta, sendo o período no qual o jovem explora profissões e representa papéis na escola, no lazer e no trabalho. Este estágio engloba os subestádios Tentativa (15-18 anos), Transição (18-21 anos) e Experiência (21-25).

No subestádio Tentativa, referenciado entre 15 e 18 anos, o processo de desenvolvimento da carreira envolve a avaliação de necessidades, capacidades e valores do indivíduo face às oportunidades existentes/possíveis no ambiente, além de algumas tentativas de escolha. No subestádio Transição, passam a ocorrer efetivas considerações em torno da realidade, na entrada para o mercado de trabalho ou formação profissional, configurando tentativas de autodefinição. O subestádio Experiência, já envolve a experiência efetiva de trabalho em um campo de interesse aparentemente definido.

Considerado todo o estágio Exploração, as tarefas de desenvolvimento são: cristalização (formulação de um objetivo vocacional geral), especificação (conversão de uma escolha generalizada numa específica e respetivo compromisso com a mesma), e implementação da opção profissional (a escolha assumida torna-se realidade) (Super, 1957; Super et al., 1996). A tarefa de especificação tem sido considerada, para alguns autores, como a característica do desenvolvimento vocacional dos estudantes universitários (Quesada & Pereira, 1991).

O terceiro estágio, Estabelecimento, (25 aos 44 anos de idade) engloba os subestádios Experiência (25 e 30 anos) e Estabilização (entre 30 e 44 anos). O estágio Estabelecimento caracteriza-se pelo esforço do indivíduo em manter-se na escolha profissional, aqui o sujeito já efetuou uma escolha profissional procurando garantir o lugar alcançado e evoluir. Nesta etapa as tarefas envolvidas são de estabilização (numa atividade profissional que permita implementar o autoconceito

), consolidação (da posição alcançada) e evoluir na área ocupacional (Super, 1957; Super et al., 1996).

O estágio Manutenção, (entre os 45 e 64 anos), envolve sustentar as posições alcançadas e a continuidade dos planos estabelecidos. As tarefas de desenvolvimento são: manter vs. estagnar, atualizar-se (fazer melhor) e inovar (fazer diferente).

Por fim, o estágio de declínio (a partir dos 65 anos) caracteriza-se pela redução gradual das atividades ocupacionais até a sua interrupção. Nesta fase de declínio ou reforma, o desafio é organizar um novo estilo de vida.

Além dos estádios de desenvolvimento de carreira (Life-span), a teoria destaca a existência de um espaço de vida (Life-Space) que envolve o modo como se organizam e interagem entre si os diferentes papéis assumidos pelo indivíduo ao longo da sua vida (Super, 1980; Super et al., 1996). Cada papel pode variar em importância ou mesmo não existir em determinadas épocas da vida, alguns papéis que o indivíduo vai assumindo ao longo da vida serão mais centrais e outros mais periféricos, havendo influência entre eles (Super, 1980; Super et al. 1996).

O modelo original apresentava seis papéis: criança (incluindo filho ou filha); estudante; de lazer (quando o indivíduo está em atividades de lazer); cidadão; trabalhador, (incluindo desempregado e não trabalhador como formas de desempenhar o papel); e doméstico. A estes papéis foram acrescentados outros três, a saber: o de cônjuge; o de pai ou mãe e o de reformado. Estes nove papéis não esgotam a totalidade de possibilidades, assim como nem todos os indivíduos desempenham todos os papéis possíveis (e.g. o papel de pai ou cônjuge), o indivíduo pode desempenhar vários papéis, alguns sequencialmente e outros simultaneamente (Gago, 2008; Lassance & Sarriera 2009; cit in Oliveira, Melo-Silva & Coleta, 2012).

Os papéis exercidos podem enriquecer ou limitar a vida e a carreira dos indivíduos (Super, 1980). A adição de um novo papel reduz a participação de um ou mais papéis desempenhados, afetando, muitas vezes, o investimento no desempenho (Oliveira et al, 2012). Super (1980) sugere o conceito de saliência de papéis, que se refere à importância relativa que vamos dando a cada papel ao longo do ciclo de vida.

Ao longo das mudanças que compõem o ciclo vital, o indivíduo vai modificando os conceitos que tem de si em relação a cada papel. Durante cada um dos estádios, o indivíduo irá exercer diferentes papéis sociais, e além disso, desenvolver autoconceitos referentes a cada um dos papéis exercidos (Super, 1980).

Relativamente aos jovens estudantes do Ensino Superior, enfrentam uma fase da vida em que adotam novos papéis, abandonando e/ou modificando outros (ex: papel de estudante e papel de trabalhador).

2.3.2. Desafios do desenvolvimento de carreira no Ensino Superior

Considerando os estudantes do ensino superior, de acordo com o modelo de Super, podemos situar a maioria destes indivíduos no estágio da Exploração. No entanto, a crescente democratização do ensino superior bem como as exigências de aprendizagem ao longo da vida, levam a que possamos encontrar estudantes que se encontram noutros estádios de desenvolvimento de carreira. No entanto, independentemente do estágio de desenvolvimento de carreira, os estudantes do ensino superior confrontam-se com um conjunto de desafios que decorrem do contexto de mudanças rápidas em que todos vivemos. A visão tradicional de estabilidade de carreira ao longo da vida é cada vez mais esfumada, impõe-se ao indivíduo que se adapte a novas realidades. Se no passado a população estudantil se restringia quase exclusivamente a jovens, nos dias de hoje deparamo-nos com indivíduos de várias faixas etárias. Esta mudança da população universitária espelha as mudanças e demandas do mundo profissional da atualidade. Assim, na diversidade da população estudantil encontramos estudantes mais velhos que se encontram no estágio de estabelecimento e no estágio de manutenção.

No estágio de estabelecimento o sujeito já efetuou uma escolha profissional, procurando consolidar o lugar alcançado e evoluir na área profissional (Super, 1957; Super et al., 1996). Os desafios com que se deparam os estudantes universitários que se encontram neste estágio dizem respeito à sua inserção no mercado de trabalho. Já que nesta era da informação e do conhecimento, a par da globalização económica e da crescente disseminação tecnológica, e também o desafio social para minimizar o flagelo do desemprego e os riscos exponenciais de aumento de populações em idade ativa que não encontram trabalho tem levado a que, cada vez mais, as pessoas sejam pressionadas a elevar os seus níveis de qualificação (Cardoso, 2016).

O estágio Manutenção, envolve sustentar as posições alcançadas e a continuidade dos planos estabelecidos, atualizar-se (fazer melhor) e inovar (fazer diferente) fazem parte das tarefas de desenvolvimento deste estágio. Os alunos que estão na fase de manutenção e que voltam à universidade estão à procura de uma nova gestão

da sua carreira devido a pressões de requalificação e gerir novos desafios que se lhe colocam de aprendizagem ao longo da vida.

Com referido, apesar da diversidade de idades que se encontra hoje em dia na população estudantil, a maioria dos alunos são jovens adultos, que se encontram no estágio de exploração. No estágio Exploração, as tarefas de desenvolvimento são: cristalização, especificação, e implementação da escolha profissional (Super, 1957; Super et al., 1996). Como já referido, a tarefa de especificação tem sido considerada, para alguns autores, como a característica do desenvolvimento vocacional dos estudantes universitários (Quesada & Pereira, 1991). Aquando da sua entrada na universidade os alunos devem especificar e assumir um compromisso com a sua escolha profissional, no entanto esta é uma fase de grandes desafios e muitos alunos não se sentem identificados com os estudos que frequentam, outros sentem-se incapazes de lidar com as exigências dos novos métodos de ensino, das novas relações sociais, a gerir as primeiras experiências de autonomia relativamente à família nuclear (Cardoso, 2016). Os alunos do primeiro ano são confrontados com muitos desafios que podem incluir a adaptação ao ensino superior e lidar com a transição da escola para a universidade. “A entrada no ensino superior pode configurar-se, como uma transição marcada por um jogo entre o desejo de entrar numa nova vida e as dúvidas originadas pelo relativo desconhecimento da forma como funciona esse novo contexto de vida e trabalho” (Melo & Pereira 2008, p.577). A transição para o ensino superior figura-se então como um desafio para os jovens estudantes, obrigando à mobilização de numerosos recursos psicológicos para defrontar as tarefas e exigências que terão que enfrentar, a nível académico, social e vocacional (Almeida et al, 2003; Tinto, 2002; Soares et al, 2006, all cit in Melo & Pereira 2008).

De acordo com Morgan e Ness (2003) muitos alunos do primeiro ano experienciam indecisão vocacional. Ao longo das licenciaturas muitos evidenciam dificuldades na especificação dos seus planos de carreira. Tais dificuldades revelam-se, por exemplo, nas dúvidas quanto às especialidades que deverão cursar. Para outros os problemas emergem com o final dos estudos superiores e a eminência da transição para o mundo do trabalho (Cardoso, 2016). No contexto dos estudantes universitários a indecisão de carreira é considerada uma incapacidade de escolher um curso universitário ou ocupação (Brogen & Hieber, 2006).

Apesar de várias investigações apresentarem resultados que sofrem oscilações consideráveis, parece não haver dúvidas que os números apontam para a conclusão de que uma parte significativa estudantes universitários se considera vocacionalmente

indecisa (Santos, 2007). Crites (1969), fazendo uma revisão de investigações decorridas entre a década de 20 e 60, refere percentagens que variam entre os 20 % e 40%, enquanto Gordon (1981), revendo estudos mais recentes, aponta valores entre os 18% e os 50%. Numa investigação de Anderson, Creamer e Cross (1989), 47 % dos estudantes do primeiro ano foram considerados vocacionalmente indecisos.

Para os estudantes universitários, a sua tomada de decisão vocacional deveria ter começado antes de entrar na universidade, uma vez que têm que decidir sobre o curso académico que querem frequentar. Infelizmente, estudos mostram que muitos estudantes universitários continuam a viver a experiência de indecisão vocacional (Betz & Vuyten, 1997; Taylor & Betz, 1983).

Recordando as palavras de Dosnon (1996), apesar de um volume considerável de investigação produzido ao longo de décadas, os resultados foram algo decepcionantes, não se tendo conseguido obter um conjunto sólido de conclusões que possibilitasse compreender melhor a indecisão vocacional. Assim torna-se pertinente continuar a investigar temas como a indecisão vocacional, não só de modo a compreender os processos subjacentes às dificuldades de tomada de decisão vocacional (Santos, 2007), mas principalmente de modo a construir um corpo de conhecimento teórico e prático no sentido de ajudar os indivíduos que se defrontam com a indecisão vocacional.

Parte II -Estudo Empírico

3. Objetivos e questões de investigação

Finalizado o enquadramento teórico desta investigação, a Parte III desta dissertação diz respeito ao estudo empírico e à sua respetiva concretização. Antes de passar à descrição do estudo ou questões metodológicas propriamente ditas, importa apresentar os objetivos que nortearam o desenvolvimento deste estudo.

Atendendo à significativa percentagem de estudantes do ensino superior vocacionalmente indecisos, facto posto em evidência na revisão de literatura, o presente estudo partiu da vontade de compreender melhor esta problemática. Assim, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar em estudantes do ensino superior a relação da certeza vocacional com a identidade vocacional e com a indecisão na carreira. Também é nossa intenção estudar diferenças nestas variáveis em função do género, da idade dos participantes e do ciclo de estudos que frequentam.

Estes objetivos operacionalizam-se nas seguintes hipóteses de investigação:

H1) Espera-se relações positivas entre as escalas de certeza vocacional, identidade vocacional e de indecisão na carreira, uma vez que resultados elevados nestas escalas apontam para níveis elevados de certeza vocacional.

H2) Espera-se que os participantes do género feminino evidenciem níveis inferiores de identidade vocacional e de certeza vocacional e maiores índices de indecisão vocacional crónica, uma vez que a maioria dos estudos tem evidenciado níveis mais elevados de indecisão generalizada por parte das mulheres (Santos, 2013)

H3) Espera-se que os participantes em fases de desenvolvimento da carreira mais avançado evidenciam identidade vocacional mais definida, mais certeza vocacional e menores índices de indecisão vocacional crónica. Considerando os resultados divergentes sobre a relação entre a idade e a indecisão vocacional, esta hipótese fundamenta-se nas perspetivas desenvolvimentistas que apontam para que indivíduos mais velhos apresentem identidade mais definida,

mais certeza vocacional e menor indecisão vocacional crónica (Blustein & Noumir, 1996; Erikson, 1968; Vondracek, 1992).

H4) Espera-se que os participantes de mestrado evidenciam identidade vocacional mais definida, mais certeza vocacional e menores índices de indecisão vocacional crónica, relativamente aos alunos de licenciatura. Esta hipótese fundamenta-se no facto de os alunos de mestrado terem maior especificação das suas escolhas vocacionais ao que irá corresponder planos de carreira mais definidos.

4. Método

4.1. Amostra

A amostra desta investigação centrou-se em estudantes do ensino superior, ao nível de licenciatura e mestrado. A amostra é de conveniência, constituída por alunos do Ensino Superior, oriundos de três instituições de ensino superior público: Universidade de Évora, Universidade do Minho e Instituto Politécnico de Setúbal.

O presente estudo contou com a participação de 262 indivíduos de forma voluntária, resultando um n de 262 participantes.

A maioria dos participantes é proveniente da Universidade de Évora, desta Universidade participaram 138 alunos, dos quais 102 são alunos de licenciatura e 36 são alunos de mestrado. Da Universidade do Minho contou-se com 52 participantes, sendo que 44 alunos são alunos de licenciatura e 8 são alunos de mestrado. No estudo participaram ainda 72 alunos do Instituto Politécnico de Setúbal, 34 alunos de licenciatura e 38 de mestrado.

No total dos 262 participantes, contou-se com 69% ($n=180$) alunos de licenciatura e 31% ($n=82$) alunos de mestrado.

Do total de participantes 69 % ($n = 180$) eram do género feminino e 31 % do género masculino ($n = 82$).

As idades dos participantes variam entre os 18 e os 52 anos de idade ($M = 22.56$, $DP = 5.72$). As idades dos participantes abrangem as fases de Exploração, Estabelecimento e Manutenção propostos por Donald Super (Tabela 1).

Tabela 1. *Distribuição dos participantes consoante as fases propostas por Super*

| Estádios | Nº de participantes |
|------------------------------|---------------------|
| Exploração | 208 |
| Estabelecimento e Manutenção | 54 |

4.2. Instrumentos

A recolha de dados realizou-se através de um questionário de administração direta (cf. Quivy & van Campenhoudt, 2008). Sendo este constituído por três escalas, nomeadamente: escala de certeza vocacional, escala de identidade vocacional e escala de indecisão na carreira.

4.2.1. Escala de certeza vocacional

O nível de certeza vocacional dos estudantes do ensino superior é avaliado com uma escala de 4 itens, a Escala de Certeza Vocacional (ECV; Santos, 2007). Este instrumento corresponde ao desenvolvimento de um outro instrumento similar, mas mais reduzido (cf. Santos, 1997; cit in Santos, 2007), tendo sido baseado noutras subescalas de certeza vocacional (ver Savickas, Cardem, Toman & Jarjoura, 1992). Utiliza uma escala tipo likert de 6 pontos (1= discordo inteiramente, 6= concordo inteiramente), com resultados mais elevados a indicarem um maior nível de certeza relativamente aos objetivos vocacionais, isto é um maior nível de certeza vocacional. Um exemplo de um item é: “Já escolhi uma determinada opção profissional da qual não tenciono afastar-me”.

Santos (1997) calculou para a ECV um valor de consistência interna (*alpha* de Cronbach) de 0.85. Neste estudo a consistência interna (*alpha* de Cronbach) foi de 0.83.

4.2.2. Escala de identidade vocacional

Para avaliar a identidade vocacional recorre-se à Vocational Identity Scale (VIS; Holland, Daiger & Power, 1980), que avalia a identidade vocacional definida como “a posse de uma percepção clara e estável dos objetivos, interesses, personalidade e talentos individuais” (Holland et al, 1980, p.1)

A VIS é constituída por 18 itens que são respondidos mediante uma alternativa de respostas verdadeiro-falso. Um exemplo de um item é: “Necessito de descobrir que tipo de carreira profissional deverei seguir”. O resultado individual é obtido mediante a soma do número de respostas falsas, variando entre 0 e 18, com resultados mais altos a corresponderem a níveis mais elevados de identidade vocacional.

A consistência interna (*alpha* de Conbrach), variou entre 0,85 e 0,89 no decurso do processo de validação original. Neste estudo foi usada a versão portuguesa da VIS adaptada por Santos e Ferreira (2004) com uma amostra de estudantes do ensino superior, onde a consistência interna da escala foi de 0,78. Na presente investigação a consistência interna (*alpha* de Conbrach) foi de 0.79.

4.2.3. Escala de indecisão na carreira

A *Career Indecision Scale* (CIS; Germeijs & Boeck, 2002) é especialmente útil no que concerne à verificação de questões relacionadas com a indecisão de carreira, nomeadamente na indecisão vocacional crónica, já que resultados baixos na escala encontram-se associados a dificuldades mais pronunciadas em tomar decisões em vários domínios de vida.

A escala foi elaborada por Germeijs e Boeck (2002), estes autores identificaram com precisão um conjunto de descritores a partir dos quais foram criados os itens do instrumento: (a) decidir leva muito tempo; (b) tendência para evitar tomar decisões; (c) deixar que outros assumam a responsabilidade das decisões; (d) instabilidade da decisão; (e) preocupações sobre as decisões efetuadas; e (f) arrependimento relativamente a decisões já realizadas.

É uma escala tipo Likert, composta por 22 itens aos quais é possível dar cinco níveis de resposta de 1 (Discordo fortemente) a 5 (Concordo fortemente). Para obter o somatório total da escala é necessário recodificar previamente 11 itens negativos, nomeadamente 2, 3, 5, 8, 9, 12, 13,14, 18, 20 e 21. Quanto maior o resultado, maior a capacidade de decisão (Germeijs e Boeck, 2002).

Germeijs e Boeck (2002) apresentaram valores de consistência interna (*alpha* de Cronbach) de 0,96 para a escala total dos 22 itens, 0,90 para os itens positivos e 0,94 para os negativos.

Na presente investigação a consistência interna (*alpha* de Cronbach) foi de 0,86.

4.3.Procedimentos

4.3.1.Procedimento de recolha dos dados

A aplicação dos instrumentos teve lugar nos estabelecimentos de ensino superior em contexto de sala de aula, em tempos letivos expressamente cedidos para o efeito.

Os participantes foram informados da temática genérica da investigação – indecisão vocacional em estudantes do ensino superior – e da natureza voluntária da sua participação. Os participantes deram o seu consentimento informado apresentado de forma escrita, onde foi garantido o anonimato dos dados recolhidos e assegurada a confidencialidade dos mesmos.

Com o intuito de minimizar o enviesamento nos resultados, nomeadamente o relacionado com o cansaço, a ordem pela qual os instrumentos foram aplicados foi objeto de variação sistemática.

Durante a aplicação procedeu-se a uma breve análise dos questionários respondidos, no sentido de aferir eventuais duplicações ou omissões de respostas.

4.3.2.Procedimento de análise de dados

Após a recolha de dados, foi construída uma base de dados, na qual se inseriram as respostas dos participantes. Para a análise estatística dos dados obtidos, recorreu-se ao *software IBM SPSS Statistics* (versão 22).

Esta análise iniciou-se pela limpeza do ficheiro, verificando se existiam erros na introdução dos dados. Depois, verificou-se a presença de valores omissos através da observação do sumário dos casos. Procedeu-se à imputação dos valores, com recurso ao cálculo da mediana e à verificação de protocolos em que existissem três ou mais itens não respondidos, o que não se verificou.

Em seguida, procedeu-se à recodificação dos itens que se encontravam formulados pela negativa de modo a alterar o sentido da pontuação. Ou seja, para os itens em causa a escala foi invertida, especificamente na Escala de indecisão na

carreira foi necessário recodificar 11 itens negativos, nomeadamente 2, 3, 5, 8, 9, 12, 13,14, 18, 20 e 21.

Após a recodificação de itens, procedeu-se ao cálculo da consistência interna, *Alpha* de Cronbach para cada escala, este serve para estimar a fiabilidade de um instrumento (Marôco, 2014). Para que um teste tenha boa fiabilidade, o Alpha de Cronbach tem de ter um valor de 0.70 ou superior (Marôco & Garcia-Marques, 2006), o que acontece em todas as escalas deste estudo.

Para responder às questões do presente estudo, foi realizada uma série de análises estatísticas descritivas e inferenciais.

Para fazer uma análise descritiva do problema da indecisão vocacional na presente amostra do ensino superior, selecionaram-se os casos com resultados abaixo do percentil 25 em cada uma das escalas o que permitiu calcular a frequência de participantes que evidenciaram menores índices de certeza vocacional e identidade vocacional bem como maiores índices de indecisão vocacional.

Para perceber a intensidade e a direção entre as variáveis indecisão vocacional, certeza vocacional e identidade vocacional usou-se uma correlação de Pearson bivariada (cf. Pallant, 2005). Isto é, desenvolveram-se análises correlacionais através do teste de correlação de Pearson, a fim de comprovar a existência de relações significativas entre as variáveis do estudo.

Seguidamente deu-se início aos testes paramétricos para comparar populações a partir de amostras independentes. Assim, recorreu-se à Análise de Variâncias *ANOVA* one-way (cf. Marôco, 2014), com o intuito de verificar se existem diferenças de acordo com o género e idade dos participantes nos resultados das escalas.

Importa ainda referir que para a avariável idade, agruparam-se os indivíduos consoante as fases de desenvolvimento propostos por Donald Super, a saber: Exploração, Estabelecimento e Manutenção. Optou-se por juntar as fases de estabelecimento e manutenção uma vez que apenas 2 sujeitos se inserem na fase de manutenção (entre os 45 e 64 anos), logo este tamanho da amostra é altamente limitativo para fazer inferência estatística (Marôco, 2014).

5. Resultados

Nesta parte da dissertação de mestrado são apresentados os resultados das análises estatísticas realizadas, sendo descritos os resultados estatisticamente significativos. Os dados foram organizados de forma a dar resposta às hipóteses que orientam este estudo.

5.1. Incidência da indecisão vocacional nos participantes

Para fazer uma análise descritiva do problema da indecisão vocacional na presente amostra do ensino superior, selecionaram-se os casos com resultados abaixo do percentil 25 em cada uma das escalas. Sendo que o percentil 5 corresponde à pontuação mais baixa de cada escala e o percentil 95 à pontuação máxima, optou-se então por calcular o percentil 25 com o intuito averiguar a frequência de participantes que evidenciam menores índices de certeza vocacional e de identidade vocacional bem como maiores índices de indecisão vocacional.

Verifica-se que 37 (14%) participantes obtiveram resultados abaixo do percentil 25 na escala de certeza vocacional, 51 (20%) participantes obtiveram resultados abaixo do percentil 25 na escala de identidade vocacional e, finalmente 49 (19%) participantes obtiveram resultados abaixo do percentil 25 na escala de indecisão na carreira.

5.2. Relação entre certeza vocacional, identidade vocacional e indecisão na carreira

Na tabela 2 apresentam-se a matriz de correlação para as variáveis em estudo, a saber: certeza vocacional, identidade vocacional e indecisão na carreira.

Tabela 2. *Matriz de correlações para certeza vocacional, identidade vocacional, e indecisão vocacional*

| Escala | <i>M</i> | <i>SD</i> | 1. | 2. |
|--------------------------------|----------|-----------|-----|-----|
| 1.Certeza vocacional | 18,43 | 3,86 | | |
| 2.Identidade vocacional | 11,41 | 3,94 | .56 | |
| 3.Indecisão na carreira | 81,16 | 10,32 | .54 | .67 |

Nota: Todas as correlações são estatisticamente significativas a $p < 0,01$. Os scores mínimo e máximo dos diferentes instrumentos são os seguintes: ECV (4-24); EIV (3-18); EIC (62-110). Na escala de indecisão vocacional crónica (EIC), resultados altos significam capacidade de decisão (Germeijs & Boeck, 2002). Tal justifica correlações positivas desta escala com as restantes escalas.

Em termos de interpretação dos resultados importa afirmar que a grandeza estatística do coeficiente de correlação entre duas variáveis pode oscilar entre -1.00 e +1.00. Um valor de zero significa ausência de correlação ou independência da variância nas variáveis consideradas, sendo essa relação mais “perfeita” à medida que se aproxima da unidade. Neste caso, ela pode ser positiva (+1.00) ou negativa/inversa (-1.00) conforme as oscilações dos resultados nas duas variáveis ocorram no mesmo sentido ou em sentido inverso. Assim, no coeficiente de correlação importa atender quer à sua grandeza (intensidade da relação) quer ao seu sentido (direção). Ambos os parâmetros são autónomos, descrevendo a força e o sentido da interdependência dos valores nas variáveis respetivamente. (Almeida & Freire, 2008).

Os resultados evidenciam índices de correlação entre todas as variáveis, sugerindo que os constructos têm estreita relação entre si. Acrescente-se que as relações positivas e significativas entre certeza vocacional e identidade vocacional ($r = .56$), entre certeza vocacional e indecisão na carreira ($r = .54$), e entre identidade vocacional e indecisão na carreira ($r = .67$) evidenciam que a redução da indecisão vocacional crónica é acompanhada de maior certeza vocacional e de maiores níveis de identidade vocacional o que, por sua vez, está em acordo com a primeira hipótese.

5.3. Diferenças entre grupos

Para estudar diferenças entre grupos relativamente às variáveis consideradas realizaram-se estudos de análise da variância ANOVA one-way para comparar os resultados das escalas consoante o género, idade e ciclo de estudos dos participantes.

Relativamente ao género (tabela 3), os resultados não evidenciaram diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres.

Tabela 3. *Diferenças entre médias de resultados em função do género*

| | | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>F</i> | <i>P</i> |
|------------------------------|----------|----------|-----------|----------|----------|
| Certeza vocacional | Homens | 17,91 | 4,13 | 2,201 | ,139 |
| | Mulheres | 18,68 | 3,73 | | |
| Identidade vocacional | Homens | 11,95 | 4,12 | 2,202 | ,139 |
| | Mulheres | 11,17 | 3,86 | | |
| Indecisão na carreira | Homens | 82,10 | 11,80 | 1,002 | ,318 |
| | Mulheres | 80,73 | 9,57 | | |

Assim, o resultado obtido não permite verificar a segunda hipótese de que os participantes do género feminino evidenciam níveis mais baixos de certeza vocacional e identidade vocacional e maiores níveis de indecisão vocacional crónica.

Relembrando que para a variável idade, agruparam-se os indivíduos consoante os estádios de desenvolvimento propostos por Donald Super, a saber: Exploração, Estabelecimento e Manutenção.

Tabela 4. *Diferenças entre médias de resultados em função da idade*

| | | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>F</i> | <i>P</i> |
|------------------------------|---------------------|----------|-----------|----------|----------|
| Certeza vocacional | Exploração | 18,10 | 3,79 | 7,671 | ,006 |
| | Estabel. e Manuten. | 19,72 | 3,90 | | |
| Identidade vocacional | Exploração | 11,14 | 3,83 | 4,850 | ,029 |
| | Estabel. e Manuten. | 12,46 | 4,24 | | |
| Indecisão na carreira | Exploração | 80,77 | 9,92 | 1,409 | ,236 |
| | Estabel. e Manuten. | 82,64 | 11,72 | | |

Relativamente aos estádios de desenvolvimento propostos por Donald Super (Exploração, Estabelecimento e Manutenção) como se pode verificar tabela 4, verificaram-se diferenças significativas para as variáveis certeza vocacional [$F(1, 260)=7.671$, $p < .01$] e identidade [$F(1, 260)=4.850$, $p < .05$]. Para as variáveis certeza vocacional e identidade vocacional as diferenças foram favoráveis aos participantes que se encontram nas fases de estabelecimento e de manutenção relativamente aos que se encontram na fase de exploração.

Na terceira hipótese deste estudo esperava-se que os participantes em fases de desenvolvimento da carreira mais avançado evidenciassem identidade vocacional mais definida, mais certeza vocacional e menores índices de indecisão vocacional crónica. Os dados obtidos permitem constatar que os participantes em fases de desenvolvimento da carreira mais avançado evidenciam identidade vocacional mais definida e mais certeza vocacional. No entanto não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para a indecisão vocacional crónica.

Tabela 5. *Diferenças entre médias de resultados em função do ciclo de estudos*

| | | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>F</i> | <i>P</i> |
|------------------------------|--------------|----------|-----------|----------|----------|
| Certeza vocacional | Licenciatura | 17,84 | 4,03 | 14,263 | ,000 |
| | Mestrado | 19,74 | 3,12 | | |
| Identidade vocacional | Licenciatura | 10,77 | 3,77 | 16,467 | ,000 |
| | Mestrado | 12,84 | 3,97 | | |
| Indecisão na carreira | Licenciatura | 80,07 | 9,96 | 6,575 | ,011 |
| | Mestrado | 83,56 | 10,75 | | |

No que diz respeito ao ciclo de estudos que os participantes frequentam, como se pode constatar na tabela 5, verificaram-se diferenças significativas para todas as variáveis: certeza vocacional [$F(1, 260) = 14,263, p < .01$], identidade [$F(1, 260) = 16,467, p < .01$] e indecisão de carreira [$F(1, 260) = 6,575, p < .01$]. Sendo que os alunos de mestrado apresentam médias superiores em todas as variáveis.

Confirma-se portanto a quarta hipótese deste estudo de que os participantes de mestrado evidenciam identidade vocacional mais definida, mais certeza vocacional e menores índices de indecisão vocacional crónica.

6. Discussão dos Resultados

Após a apresentação dos resultados, importa agora refletir sobre os resultados obtidos. Os grandes objetivos desta investigação passaram por analisar em estudantes do ensino superior a relação da identidade vocacional, com a certeza vocacional e com a indecisão vocacional. E também estudar diferenças nestas variáveis em função do género e da idade dos participantes e do ciclo de estudos que frequentam.

Nesta parte da dissertação, discutem-se os resultados obtidos decorrentes das hipóteses formuladas e paralelamente são feitas referências a outros estudos de investigação relevantes para apoiar os resultados do estudo atual. Além disso, esta secção irá destacar as limitações da pesquisa atual e sugerir recomendações para futuras pesquisas com base nos resultados deste estudo.

No que concerne à H1, esta é confirmada pelos resultados obtidos, uma vez que evidenciam relações positivas e significativas entre todas as variáveis, isto é, entre certeza vocacional e identidade vocacional, entre certeza vocacional e indecisão na carreira, e entre identidade vocacional e indecisão na carreira, indicando que os constructos têm estreita relação entre si. Estes resultados permitem concluir que a redução da indecisão vocacional crónica é acompanhada de maior certeza vocacional e de maiores níveis de identidade vocacional.

Estes resultados vão de encontro a um estudo conduzido por Santos & Ferreira (2015), onde ressaltam a importância do papel da identidade vocacional, sendo que os indivíduos indecisos evidenciam um baixo nível de identidade vocacional. Também Galinsky e Fast (1966, cit in Taveira, 2000) estudaram a relação existente entre o conceito de identidade e o de indecisão e concluíram que os jovens não eram capazes de concretizar uma escolha em relação à carreira com sucesso devido a problemas de desenvolvimento da identidade. A identidade vocacional tem a ver com a posse de uma imagem clara e estável de objetivos, interesses e talentos, direcionando, assim, o seu percurso vocacional (Holland & Holland, 1977). Uma identidade vocacional clara e consistente percebe-se no indivíduo pela sua capacidade de fazer escolhas e tomar decisões (Holland, 1985).

Relativamente à H2 deste estudo, esperava-se que os participantes do género feminino evidenciassem níveis inferiores de identidade vocacional e de certeza vocacional e maiores índices de indecisão vocacional crónica, uma vez que a maioria dos

estudos tem evidenciado níveis mais elevados de indecisão generalizada por parte das mulheres (Santos, 2013).

Esta hipótese poderia ser sustentada por alguns estudos, que demonstram que as mulheres apresentam maiores índices de indecisão vocacional. O estudo conduzido por Talib e Aun (2009) indicou que o género feminino apresenta níveis mais elevados de indecisão vocacional que os homens. Também Zhou e Santos (2007) realizaram um estudo focando as diferenças de género nas dificuldades na tomada de decisão vocacional, os resultados indicaram que estudantes do sexo masculino tiveram menos dificuldades na tomada de decisão de carreira do que os estudantes do sexo feminino. De forma semelhante uma investigação realizada por Patton (2001 e 2002; cit in Talib & Aun, 2009) mostrou que as mulheres apresentaram níveis mais elevados de indecisão vocacional.

No entanto, os dados obtidos não corroboram a H2, pois não evidenciam diferenças estatisticamente significativas entre géneros em nenhuma das variáveis. Os dados obtidos na presente investigação vão de encontro aos estudos realizados por Akos, Konold e Niles (2004); Barnes e Carter (2002); Hampton (2006); McCoy (2004) e Salami (2008) todos citados em Talib e Aun (2009) que constataram que não há diferenças de género relacionadas com a indecisão de carreira. Gauy, Senécal, Gauthier e Fernet (2003), verificaram que a investigação não costuma apresentar relatórios sobre diferenças de género em matéria de decisão de carreira, autoeficácia e indecisão de carreira.

Uma vez que os dados obtidos não permitem confirmar a H2, e que na pesquisa de literatura também não se encontra um consenso relativamente às diferenças de género na indecisão vocacional, e que tão pouco se encontrou dados conclusivos especificamente à indecisão vocacional crónica, considera-se necessário avançar com investigações que permitam compreender as diferenças entre géneros na indecisão vocacional crónica.

Tendo em conta os resultados divergentes sobre a relação entre a idade e a indecisão vocacional, a H3 fundamentava-se nas perspetivas desenvolvimentistas que apontam para que indivíduos mais velhos apresentam identidade mais definida, mais certeza vocacional e menor indecisão vocacional crónica (Blustein & Noumir, 1996; Erikson, 1968; Vondracek, 1992). Assim, na H3 esperava-se que os participantes em fases de desenvolvimento da carreira mais avançado evidenciassem identidade voca-

cional mais definida, mais certeza vocacional e menores índices de indecisão vocacional crónica.

Considerando os estádios de desenvolvimento de carreira propostos por Donald Super (Exploração, Estabelecimento e Manutenção), verificaram-se diferenças significativas para as variáveis certeza vocacional e identidade vocacional. Para estas variáveis as diferenças foram favoráveis aos participantes que se encontram nas fases de estabelecimento e de manutenção relativamente aos que se encontram na fase de exploração. Os dados obtidos permitem então constatar que os participantes em fases de desenvolvimento da carreira mais avançado evidenciam identidade vocacional mais definida e mais certeza vocacional. No entanto não se pode concluir que apresentam menores índices de indecisão vocacional crónica, já que não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos na indecisão vocacional crónica.

Estudos têm gerado resultados que mostraram a relação negativa entre a idade e as dificuldades de tomada de decisão vocacional (Prideaux & Creed, 2002; Zhou & Santos, 2007). No entanto, são raros os estudos que se debruçam sobre a indecisão generalizada como um tipo de específico da indecisão vocacional, na revisão da literatura encontrou-se apenas um estudo referente à indecisão vocacional crónica e idade, e este evidencia uma relação linear negativa entre idade e indecisão vocacional crónica (Santos, 2007).

Os resultados inconclusivos sobre a relação da idade e a indecisão vocacional crónica podem encontrar explicação no facto da indecisão vocacional crónica constituir um traço estável de funcionamento psicológico que não diminui somente com o avançar da idade. Guay, Ratelle, Senécal, Larose e Deschenes (2006) propõem que os alunos caracterizados pela indecisão vocacional normativa experimentam uma diminuição na indecisão de carreira ao longo do tempo enquanto recolhem informações sobre si mesmos e sobre o mundo do trabalho, enquanto os estudantes que estão cronicamente indecisos permanecem indecisos ao longo do tempo.

À luz dos resultados obtidos a H4 foi confirmada, os participantes de mestrado evidenciam identidade vocacional mais definida, mais certeza vocacional e menores índices de indecisão vocacional crónica, relativamente aos alunos de licenciatura. Demonstrando assim que os alunos de mestrado têm maior especificação das suas escolhas vocacionais ao que corresponde planos de carreira mais definidos. Este aspeto indica que os estudantes de mestrado estão mais comprometidos com o seu projeto vocacional.

Estes resultados estão em linha com estudos anteriores, que demonstraram que alunos dos primeiros anos relatam mais indecisão na carreira do que alunos dos anos finais (Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Peng & Herr, 2002) e que à medida que os indivíduos evoluem nos seus níveis de escolaridade aumentam os níveis de certeza vocacional (Neice & Bradley, 1979; Watson, Creed & Patton, 2003).

Estes resultados indicam ainda que os modos de construção da identidade vocacional mudam ao longo dos anos de frequência do ensino superior e no sentido de uma resolução mais positiva das questões de identidade (Taveira, 1997).

Depois de discutidas as hipóteses de investigação o foco é o da reflexão sobre a incidência da indecisão vocacional entre os participantes. Verificou-se que 14% dos participantes apresentam baixos níveis de certeza vocacional, 20% apresentam níveis baixos de identidade vocacional, enquanto 19% apresentam níveis elevados de indecisão na carreira. Tais números apontam para percentagens expressivas de indivíduos que no ensino superior podem vivenciar problemas de decisão na carreira. A explicação destes resultados, fundamentada na revisão de literatura, pode ainda beneficiar da reflexão sobre determinantes contextuais associados ao ingresso no ensino superior, nomeadamente, a frequência de cursos que não são primeiras opção e a crise económica. Assim, a revisão de literatura evidencia que importantes fatores de indecisão vocacional são as barreiras da carreira e desajustamento entre a identidade vocacional e o contexto quer de estudo quer laboral (Brown & McPartland, 2005; Gati, Krausz & Osipow, 1996). O contexto de crise económica e de desemprego que lhe está associado pode levar que muitos jovens universitários apesar de saber que percurso escolar e profissional pretendem percorrer fiquem indecisos pois as dificuldades na concretização dos seus planos de carreira exigem a reformulação dos mesmos. Neste sentido, os dados estatísticos sobre a situação na União Europeia são claros evidenciando que, em 2014, as taxas de emprego dos que completaram o ensino superior são de 83,7 %, acima dos 73,4 % dos que completaram apenas o ensino secundário ou o ensino pós-secundário e muito acima dos 52,6% dos que apenas completaram o ensino básico (DGEEC, 2016). Reforçando esta tendência, as estatísticas também evidenciaram que 5,3% dos que têm diploma universitário estão desempregados enquanto 13,7% dos adultos com baixas qualificações estão nessa condição (Cardoso, 2016).

Ainda a nível das variáveis contextuais temos o facto de muitos alunos não ingressarem no curso que é sua primeira escolha. Tal, também pode contribuir para o

desajuste entre a sua identidade vocacional e a formação frequentada e, conseqüentemente para a emergência de dificuldades no seu desenvolvimento de carreira. De facto de acordo com dados disponibilizados pela Direção-Geral do Ensino Superior (DGES) em 2015 apenas metade dos candidatos (50,5%) conseguiram ficar colocados no curso da sua preferência. Em 2014 conseguiram entrar na 1.^a opção 54,4% dos candidatos e em 2013, 60% dos estudantes foram colocados na 1.^a opção. Perante a taxa de indecisão vocacional apresentada pelos estudantes, existe uma intensa necessidade de orientação e planeamento de carreira entre os estudantes de nível médio e superior (Osipow, 1999). De facto, aquando da sua entrada na universidade os alunos devem especificar e assumir um compromisso com a sua escolha profissional, no entanto esta é uma fase de grandes desafios e muitos alunos não se sentem identificados com os estudos que frequentam, ao longo das licenciaturas muitos evidenciam dificuldades na especificação dos seus planos de carreira (Cardoso, 2016). Para outros os problemas emergem com o final dos estudos superiores e a eminência da transição para o mundo do trabalho, surgem dúvidas quanto às capacidades para responder às exigências do mercado de trabalho, a falta de perspectivas de emprego, a mobilidade internacional ou a colocação profissional (Cardoso, 2016). Esta multiplicidade de problemas exige que as pessoas possam beneficiar de acompanhamento ajustado às suas necessidades (Gordan & Meyer, 2002). Assim, seja nas escolas secundárias, seja nas universidades, abordagens pontuais, simplistas, enfatizando a transmissão de informação escolar e profissional ou a aplicação de provas psicológicas que “magicamente” resolvem o problema, tem-se revelado insuficientes (Cardoso, 2016). Torna-se premente o repensar da ciência e a tentativa de construção de novos modelos que permitam uma atuação mais positiva (Gutkin, 2009; Reynolds & Miller, 2003; Sheridan & Gutkin, 2000, all cit in Melo, 2010). Para ultrapassar as limitações destas abordagens propõem-se outras com um carácter holístico que considerem o autoconceito, interação, gestão da informação, gestão da mudança, decisão e transição para o mundo do trabalho. Deste modo será possível promover a autonomia e a confiança necessárias para transformar representações de vulnerabilidade face ao futuro incerto e precário por outras em que o próprio se vê como construtor do percurso que faz (Cardoso, 2007/2008).

Devem-se desenvolver novas vias para a intervenção psicológica em contextos educativos, tendo em conta, por um lado, não apenas o indivíduo e a sua problemática individual, mas também a instituição de ensino e o meio social em que ela se insere (Melo, 2010). Neste quadro, as perspectivas construtivistas, sistémicas e ecológicas

assumem um papel particular, possibilitando a adoção de abordagens preventivas e proativas, levando em linha de conta o papel da relação entre os contextos na promoção do desenvolvimento do estudante (Melo & Pereira, 2007a). Intervenções baseadas em princípios ecológico-desenvolvimentais que procurem, não apenas a resolução de problemas pontuais, mas, envolvendo os diferentes elementos do sistema, prevenindo problemas a partir da promoção de competências e do empowerment pessoal, social e comunitário (Nastasi, 2004; cit in Melo & Pereira, 2007a). A metodologia de intervenção será tão mais eficaz quanto as suas conceptualizações se basearem naquilo que podemos considerar um modelo desenvolvimental e ecológico de intervenção psicológica em contextos educativos (Melo & Pereira, 2007b). Percebendo o desenvolvimento do jovem nas suas relações dinâmicas com o contexto, atendendo à diversidade dos alunos e procurando as razões para os comportamentos disfuncionais tendo em conta as inter-relações e interações dos diferentes cenários que envolvem o indivíduo (Melo & Pereira, 2007a).

6.1. Limitações e investigações futuras

Uma reflexão sobre o trabalho permitiu perceber que existem limitações associadas a este estudo. Torna-se então necessário mencionar as limitações do presente estudo, assim como o modo como essas limitações poderão ser ultrapassadas, com algumas sugestões para futuras investigações.

A principal limitação do estudo remete para a técnica de amostragem utilizada. A amostra do estudo foi uma amostra de conveniência, de acordo com Sekaran (2003), esta envolve o processo de coleta de informações de membros da população que estão convenientemente disponíveis para fornecê-la, logo, não garante que a amostra seja representativa da população (Marôco, 2014). As vantagens utilizar uma amostragem por conveniência é que esta é rápida, conveniente e menos dispendiosa. Contudo, a amostragem de conveniência não pode ser generalizada e isso é visto como uma desvantagem. Sekaran (2003), no entanto, recomenda que uma amostra maior possa ser utilizada para superar a restrição da generalização.

Apesar de se verificarem resultados interessantes, recomenda-se reproduzir esta investigação ou fazer um estudo semelhante com uma amostra maior, a fim de

atestar os resultados obtidos, tanto nas hipóteses que foram confirmadas como naquelas em que os dados obtidos não revelaram diferenças estatisticamente significativas, como por exemplo nas diferenças entre géneros.

A amostra do presente estudo é composta por estudantes universitários provenientes do ensino superior público e presencial, assim, os resultados obtidos só podem ser generalizados para populações semelhantes. Estudos futuros podem investigar se as atuais descobertas são generalizáveis a outras amostras.

Assim sendo, coloca-se a necessidade de replicar este estudo com recurso a uma amostra maior e com uma distribuição de géneros mais equitativa, bem como o recurso a uma amostragem aleatória, correspondente a estudantes do ensino superior público e privado.

Parte III-Conclusão

7. Conclusão

Nesta fase final do trabalho importa refletir de forma global e conclusiva sobre os resultados obtidos. Os resultados relativos ao estudo foram apresentados na secção anterior de forma independente, pretende-se agora exibir as conclusões mais significativas.

Tendo em conta que as decisões vocacionais estão entre as decisões mais importantes que as pessoas tomam ao longo da sua vida, pois podem afetar a qualidade de vida de um indivíduo (Gati, 1998), bem como pode afetar todo um percurso de vida. A percentagem elevada de estudantes do ensino superior que se consideram vocacionalmente indecisos fomentou o interesse da presente investigação.

Como posto em evidência no enquadramento teórico, a forma como a investigação sobre a indecisão vocacional se processou foi marcada por diferentes abordagens às quais subjazem diferentes conceções do constructo (Santos & Coimbra, 1995), a indecisão vocacional evoluiu de uma classificação dicotómica do problema, decidido/indeciso para um entendimento do constructo como multidimensional (Cardoso & Campos, 2008), ou seja é aceite que os indivíduos podem encontrar-se vocacionalmente indecisos por diversas razões (Santos, 2007), passível de serem identificados diferentes subtipos de indivíduos decididos e indecisos (Cardoso & Campos, 2008).

Na maioria das tipologias de indecisão vocacional é possível encontrar a diferenciação entre indecisão vocacional e indecisão generalizada (ou crónica) (Germeijs & Boeck, 2002). A indecisão vocacional crónica constitui então, um subtipo específico de indecisão vocacional, podendo a mesma ser considerada um subtipo da indecisão vocacional que se posiciona no extremo do contínuo decisão-indecisão (Cardoso & Campos, 2008). A indecisão vocacional crónica é conhecida como uma incapacidade generalizada para tomar decisões sobre a carreira (Gauy et al., 2006).

Através da pesquisa de literatura percebeu-se que é escassa a investigação sobre este tipo específico de indecisão, embora hoje em dia já se conte com um número considerável de estudos sobre a indecisão vocacional, poucos se debruçam especificamente na indecisão vocacional crónica. Assim, este estudo direccionou o seu foco para a indecisão vocacional crónica.

De acordo com a revisão teórica que norteou este estudo as questões vocacionais emergem como um dos vetores centrais do desenvolvimento psicossocial dos estudantes do ensino superior (Chickering, 1969; Chickering & Reisser, 1993) e neste contexto a identidade vocacional ocupa um lugar preponderante.

Posto isto, o presente estudo foi projetado com o objetivo de compreender a relação da certeza vocacional, identidade vocacional e indecisão vocacional crónica em estudantes do ensino superior e estudar as diferenças nestas variáveis em função do género, da idade dos participantes e do ciclo de estudos que frequentam.

As conclusões do estudo indicam que existe uma relação significativa entre as variáveis em causa, revelando que a redução da indecisão vocacional crónica é acompanhada de maior certeza vocacional e de maiores níveis de identidade vocacional. Estes resultados ressaltam a importância papel da identidade vocacional na indecisão vocacional, sendo que os indivíduos indecisos evidenciam um baixo nível de identidade vocacional (Santos & Ferreira, 2015).

Apesar do que se esperava inicialmente, não se verificaram diferenças entre géneros em nenhuma das variáveis, pode-se portanto concluir a partir dos resultados que o género não parece ser uma variável decisiva dos níveis de certeza vocacional, identidade vocacional e indecisão vocacional crónica. Embora os dados obtidos na presente investigação estejam em consonância com outros estudos que constataram não haver diferenças de género relacionadas com a indecisão de carreira (Akos, Konold & Niles 2004; et al cit in Talib e Aun, 2009), na pesquisa de literatura não se encontrou um consenso relativamente às diferenças de género na indecisão vocacional, considera-se portanto necessário avançar com investigações que permitam desmitificar esta questão das diferenças entre géneros na indecisão vocacional.

Os dados obtidos neste estudo apontam para que os estudantes em fases de desenvolvimento da carreira mais avançado evidenciam identidade vocacional mais definida e mais certeza vocacional. No entanto não apresentam menores índices de indecisão vocacional crónica, ou seja a idade não explica a redução da indecisão vocacional crónica, o que vai de encontro a outros estudos que têm gerado resultados que mostraram a relação negativa entre a idade e as dificuldades de tomada de decisão vocacional (Prideaux & Creed, 2002; Zhou & Santos, 2007).

Conclui-se ainda que os estudantes de mestrado apresentam identidade vocacional mais definida, mais certeza vocacional e menores índices de indecisão vocacional crónica, relativamente aos alunos de licenciatura. Os alunos de mestrado

têm maior especificação das suas escolhas vocacionais ao que corresponde planos de carreira mais definidos, estes estudantes estão mais comprometidos com o seu projeto vocacional. Estes resultados apoiam resultados de estudos anteriores, que demonstraram que alunos dos primeiros anos relatam mais indecisão na carreira (Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Peng & Herr, 2002) e que quando evoluem nos seus níveis de escolaridade aumentam os níveis de certeza vocacional (Neice & Bradley, 1979; Watson, Creed & Patton, 2003), sendo que os modos de construção da identidade vocacional mudam ao longo dos anos de frequência do ensino superior e no sentido de uma resolução mais positiva das questões de identidade (Taveira, 1997).

Neste estudo percebeu-se que 19% dos estudantes sofrem de indecisão vocacional, considera-se que esta percentagem é ilustrativa da importância de prosseguir com a investigação da indecisão vocacional, a fim de construir um corpo de conhecimento teórico mais sólido e uma prática mais eficaz, com intervenções específicas para as necessidades dos indivíduos (Gordan & Meyer, 2002).

Seja nas escolas secundárias, seja nas universidades, abordagens pontuais, simplistas, enfatizando a transmissão de informação escolar e profissional ou a aplicação de provas psicológicas, tem-se revelado insuficientes (Cardoso, 2016). Preconiza-se então uma perspetiva holística da intervenção, orientar é mais do que a simples aplicação de provas de avaliação psicológica, mais do que informar sobre o perfil individual de resultados e sobre as oportunidades escolares e profissionais. Deve-se adotar abordagens compreensivas e integradas (Hooley, Marriott & Sampson, 2011; Pinto, 2004; all cit in Cardoso, 2016), que situem a intervenção de desenvolvimento vocacional no projeto educativo da escola e do aluno (Taveira, 2004; cit in Cardoso, 2016) e definirem-se áreas de desenvolvimento tais como: autoconceito, interação, gestão da informação, gestão da mudança, decisão e transição para o mundo do trabalho (Cardoso, 2016). Devem-se adotar práticas que visam promover a autonomia e a confiança necessárias para transformar representações de vulnerabilidade face ao futuro incerto e precário por outras em que o próprio se vê como construtor do percurso que faz (Cardoso, 2007/2008).

No término deste trabalho fica a clara convicção de que apoiar o desenvolvimento vocacional é, fundamentalmente, uma forma de apoiar o desenvolvimento pessoal nos múltiplos papéis da vida.

Referências Bibliográficas

- Akos, P., T.R., Konold, & S.G., Niles, (2004). A career readiness typology and typical membership in middle school. *The Career Development Quarterly*, 53, 53-56.
- Almeida, L. S., & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Almeida, L., Santos, A., Dias, P., Botelho, S., & Ramalho, V. (1998). Dificuldades de Adaptação e de Realização Académica no Ensino Superior: Análise de acordo com as escolhas vocacionais e o ano de curso. *Revista Galego Portuguesa de Psicologia e Educação*, 2 (2), 41-48.
- Almeida, M. E. G. G. (2008). *(Re) Pensando a orientação vocacional na Escola: da teoria à prática*. Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro.
- Anderson, B. C., Creamer, D.G., & Cross, L. H. (1989). Undecided, multiple change, and decided students: How diferente are they? *Nacada Journal*, 9, 46-50.
- Baird, L. L. (1969). The undecided student – How different is he? *Personnel and Guidance Journal*, 47, 429-434.
- Balbinotti, M. C. A. (2003). A noção de maturidade vocacional na teoria de Donald Super. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16 (3), 461-473.
- Betz, N. E., & Voyten, K. K. (1997). Efficacy and outcome expectations influence career exploration and decidedness. *The Career Development Quarterly*, 46 (2), 179-189.
- Betz, N.E., (1992). Career assessment: A review of critical issues. In S.D. Brown, & R.W. Lent (Eds.), *Handbook of counselling psychology* (3ª Ed.) (pp.453-484). New York: Wiley.
- Blustein, D. L., & Noumair, D.A. (1996). Self and identity in career development: Implications for theory and practice. *Journal of Counseling and Development*, 74, 433-441.

- Blustein, D.L., Walbridge, M.M., Friedlander M.L., & Palladino, D.E. (1991). Contributions of Psychological Separation and Parental Attachment to the Career Development Process. *Journal of Counseling Psychology*, 38, 39-50.
- Brogen, W., & Hiebert, B. (2006). Career guidance and counselling for youth: What adolescents and young adults are telling us. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 28, 389-400.
- Brown, S. D. & Rector, C. C. (2008). Conceptualizing and diagnosing problems in vocational decision making. In S.D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Handbook of counseling psychology* (3^a ed., pp. 392-407). New York: Wiley.
- Brown, S. D., & McPartland, E. B. (2005). Career interventions: Current status and future directions. In W. B. Walsh & M. L. Savickas (Eds.), *Handbook of vocational psychology* (3^a ed., pp. 195–226). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Brown, S.D., & Krane, N.E.R. (2000). Four (or five) sessions and a cloud of dust: Old assumptions and new observations about career counseling. In Steve D. Brown & Robert W. Lent (Eds.), *Handbook of counselling psychology* (3^a ed., pp.740-766). New York: Wiley.
- Cardoso, P. & Campos, R. C. (2008). Indecisão vocacional no adolescente e psicopatologia: uma proposta conceptual. *International Journal of Developmental and Education Psychology*, 20 (4), 250-268.
- Cardoso, P. (2004). Emoções e desenvolvimento vocacional: Princípios para a prática em aconselhamento vocacional. In *Desenvolvimento Vocacional ao Longo da Vida: Fundamentos, Princípios e Orientações* (Maria do Céu Taveira, coord.). Almedina: Coimbra.
- Cardoso, P. (2007/2008). Percepção de barreiras da carreira em adolescentes portugueses. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 40, 141-161.
- Cardoso, P. (Abril, 2016). Entrada na universidade e saída para o mercado de trabalho na perspetiva do desenvolvimento de carreira. *Comunicação apresentada no Seminário Projetar, Construir, Entrar e Sair...da preparação para a entrada na universidade à saída para o mercado de trabalho*. Évora: Universidade de Évora.

- Chickering, A. W. (1969). *Education and identity*. San Francisco: Jossey-Bass
- Chickering, A., & Reisser, L. (1993). *Education and identity* (2ª Ed.). San Francisco: Jossey-Bass.
- Crites, J. O. (1969). *Vocational psychology*. New York: McGraw-Hill.
- Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) (2016). *Direito à educação. Acesso ao ensino secundário e ensino superior*. Recuperado em 20 de junho de 2016, de: <http://w3.dgeec.mec.pt/DireitoaEducacao/>
- Dosnon, O. (1996). L'indécision face aux choix scolaire ou professionnel: Concepts et mesures. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 24, 129-168
- Emmanuelle, V. (2009). Inter-relationships among attachment to mother and father, self-esteem, and career indecision. In *Journal of Vocational Behavior*, 75, 91-99.
- Erikson, E. (1950). *Childhood and Society*. New York: Norton.
- Erikson, E.H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Fonseca, M.P. e Encarnação, S. (2012). *O Sistema de Ensino Superior em Portugal em Mapas e em Números, A3ES Readings, N.º 4*, Lisboa: A3ES
- Forner, Y. (2001). Quelle place pour l'indécision dans l'éducation a l'orientation? *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 30, 305-316.
- Gati, I. (1998). Using career-related aspects to elicit preferences and characterize occupations for a better person-environment fit. *Journal of Vocational Behavior*, 52, 343-365.
- Gati, I., & Tal, S. (2008). Decision-making models and career guidance. In J. A. Athanasou & R. V. Esbroeck (Eds.), *International handbook of career guidance* (pp. 157-185). Sydney: Springer.
- Gati, I., Krausz, M. & Osipow, S. H. (1996). A taxonomy of difficulties in career decision making. *Journal of Counseling Psychology*, 43, 510-526.

- Germeijs, V. & Boeck, P. (2002). A Measurement Scale for Indecisiveness and its Relationship to Career Indecision and Other Types of Indecision. *European Journal of Psychological Assessment, 18* (2), 113-122.
- Germeijs, V., & De Boeck, P. (2003). Career indecision: Three factors from decision theory. *Journal of Vocational Behavior, 62* (1), 11-25.
- Gordan, L., & Meyer, J.C. (2002). Career indecision amongst prospective students. *South African Journal of Psychology, 32* (4), 41-47.
- Gordon, V. N. (1981). The undecided student: A development perspective. *Personnel and Guidance Journal, 59*, 433-439.
- Gordon, V. N. (1998). Career decidedness types: A literature review. *Career Development Quarterly, 46*, 386-403.
- Guay, F., Ratelle, C. F., Senecal, C., Larose, S., & Deschenes, A. (2006). Distinguishing developmental from chronic career indecision: Self-efficacy, autonomy and social support. *Journal of Career Assessment, 14*, 235-251.
- Guay, F., Senécal, C., Gauthier, L., & Fernet, C. (2003). Predicting career indecision: A self-determination theory perspective. *Journal of Counseling Psychology, 50*, 165-177.
- Guerra, A. L., & Braungart-Rieker, J. M. (1999). Predicting career indecision in college students: The roles of identity formation and parental relationship factors. *Career Development Quarterly, 47*, 255-266.
- Gushue, G.V., Scanlan, K.R.L., Pantzer, K.M., & Clarke, C.P. (2006). The Relationship of Career Decision-Making Self-Efficacy, Vocational Identity, and Career Explorations Behavior in African American High School Students. *Journal of Career Development, 33* (1), 19-28.
- Hampton, N.Z., 2006. A Psychometric Evaluation of The Career Self Efficacy Scale-Short Form in Chinese School Students. *Journal of Career Development, 33* (2),142-155
- Harren, V. A. (1979). A model of career decision making for college students. *Journal of Vocational Behavior, 14* (2), 119-133.

- Hartung, P.J., Porfeli, E.J., & Vondracek, F.W. (2005). Child Vocational Development: A review and reconsideration. In *Journal of Vocational Behavior*, 66, 385-419.
- Holland, J. L. & Holland, J. E. (1977). Vocational indecision: More evidence and speculation. *Journal of Counseling Psychology*, 24 (5), 404-414.
- Holland, J. L., (1985). *Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall.
- Holland, J. L., Daiger, D. C., & Power, P. G. (1980). *Manual for My Vocational Situation*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Johnson, P., Bublotz, W.C., & Nichols, C.N. (1999). Parental Divorce, Family Functioning, and Vocational Identity of College Students. In *Journal of Career Development*, 26 (2), 137-146.
- Kelly, K.R.; & Lee, W.C. (2002). Mapping the domain of career indecision problems. *Journal of Vocational Behavior*, 61, 302-326.
- Keniston, K. (1971). *Youth and dissent*. New York: Harcourt, Brace & Jovanovich.
- Kohlstedt, S. S. (2011). *Psychosocial Development in College Students: A Cross-Sectional Comparison Between Athletes and Non-Athletes*. Doctor, American University, Washington.
- Larson, L. M., Heppner, P. P., Ham, T., & Dugan K. (1988). Investigating multiple subtypes of career indecision through cluster analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 35 (4), 439-446.
- Law, B. (1996). A career-learning theory. In Watts, A.G., Law, B., Killeen, J., Kidd, J.M. & Hawthorn, R. (Eds.) *Rethinking Careers Education & Guidance: theory, policy and practice*. London: Routledge.
- Marcia, J, E. (1976). Identity six years after: A follow-up study. *Journal of Youth and Adolescence*, 5, 145-160.
- Marcia, J. E. (1966). Developmente and Validation of Ego-Identity Status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3 (5), 551-558.

- Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence. In J. Adelson (Ed.), *Handbook of adolescence psychology*. New York: Wiley.
- Marôco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de Psicologia*, 4 (1), 65-90.
- Marôco, J. P. (2014). *Análise estatística com utilização do SPSS* (6ª. ed.). Lisboa: ReportNumber.
- Martins, D., & Carvalho, C. (2013). A Identidade Vocacional de Jovens Institucionalizados em Centros Educativos: Um Olhar na (Re)Educação Em Portugal. *Revista Eletrônica de Educação*, 7 (3), 25-39.
- ME-DGES (1999). *O Ensino superior em Portugal*. Lisboa: Direcção-Geral do Ensino Superior, Ministério da Educação.
- Meijers, F. (2002). Career learning in a changing world: The role of emotions. *International Journal for the Advancement of Counseling*, 24, 149-167.
- Melo, M. (2010). Contributos para um Modelo de Intervenção Psicológica em Contextos Educativos. *International Journal of Developmental and Educational Psychology (INFAD)*. 3 (1), 129-136.
- Melo, M. & Pereira, T. (2007a). Processos de Mediação na Emergência do Modelo Ecológico-Desenvolvimental em Psicologia da Educação. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 15 (2), 41-54.
- Melo, M. & Pereira, T. (2007b). Intervenção psicológica em contextos educativos: a emergência de um modelo ecológico-desenvolvimental. *Comunicação Apresentada no I Congresso Internacional - Intervenção com Crianças, Jovens e Famílias*. Braga: Universidade do Minho.
- Melo, M. e Pereira T. (2008). A construção de um espaço europeu de ensino superior: expectativas dos estudantes do 1º ano da Universidade de Évora. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 4 (1), 575-586.

- Millard, R. J., Habler, B. L., & List, J. (1984). Sex-role orientation and career indecision. *The Journal of Psychology, 117*, 217-220.
- Morgan, T., & Ness, D. (2003). Career decision making difficulties of students. *The Canadian Journal of Career Development, 2*, 33-39.
- Neice, D.E., & Bradley, R.W. (1979). Relationship of age, sex, and educational groups to career decisiveness. *Journal of Vocational Behavior, 14*, 271-278.
- Oliveira, M. C., Melo-Silva, L. L., & Coleta, M. F. D. (2012). Pressupostos teóricos de Super. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 13* (2), 223-234.
- Osipow, S.H. (1999). Assessing career indecision. *Journal of Vocational Behavior, 55*, 147-154.
- Pallant, J. F. (2005). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS* (2ªEd.). Allen & Unwin.
- Peng, H., & Herr, E. L. (2002). Relation of career beliefs to career indecision among distance education adult college students in Taiwan. *Psychological Reports, 90*, 803-813.
- Perron, J., Vondracek, F.W., Skorikov, V.B., Tremblay, C., & Corbière, M. (1998). A Longitudinal Study of Vocational Maturity and Ethnic Identity Development. In *Journal of Vocational Behavior, 52*, 409-424.
- Prideaux, L. A., & Creed, P. A. (2002). A review of career development research in Australia and New Zealand 1995-2000. *International Journal of Educational and Vocational Guidance, 2*, 21-38.
- Quesada, M. & Pereira, M. (1991). Algunas actitudes y comportamientos de la tarea de especificación en el desarrollo vocacional de estudiantes universitarios. *Revista Educacion de la Universidad de Costa Rica, 15*, 95-103.
- Quintas, H., Gonçalves, T., Ribeiro, C. M., Monteiro, R., Bago, J., Santos, L., Fonseca, H. M. A. C., & Fragoso, A. (2014). Estudantes adultos no Ensino Superior: o que os motiva e o que os desafia no regresso à vida académica. *Revista Portuguesa de Educação, 27* (2), 33-56.

- Quivy, R. & van Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em Ciências Sociais* (5.ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Rassin, E., & Muris, P. (2005). Indecisiveness and the interpretation of ambiguous situations. *Personality and Individual Differences*, 39 (7), 1285-1291.
- Rohner, R.P., Rising, D. G., & Sayre-Scibona, J. (2009). Sex differences in relations among remembered parental behavior in childhood, adults' current psychological adjustment, and career indecision. *Psychological Reports*, 104 (2), 558-566.
- Saka, N. & Gati, I. (2007). Emotional and personality-related aspects of persistent career decision making difficulties. *Journal of Vocational Behavior*, 71, 340-358.
- Saka, N., Gati, I., & Kelly, K. R. (2008). Emotional and personality-related aspects of career-decision making difficulties. *Journal of Career Assessment*, 16 (4), 403-424.
- Santos, P. J. (2000). Indecisão generalizada: Um desafio para a orientação escolar e profissional. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 183-196.
- Santos, P. J. (2001). Predictors of generalized indecision among portuguese secondary school students. *Journal of Career Assessment*, 9 (4), 381-396.
- Santos, P. J. (2007). *Dificuldades de escolha vocacional*. Coimbra: Edições Almedina, SA.
- Santos, P. J. (2011). Validação da Indecisiveness Scale com uma amostra de estudantes do ensino superior. *Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/evaluación Psicológica e XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. 1312-1322.
- Santos, P. J. (2013). Indecisividade: Definição, investigação e intervenção vocacional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14, 255-265.
- Santos, P. J., & Ferreira, J. A. (2004). Resultados preliminares da adaptação da Vocational Identity Scale. In Carla Machado, Leandro S. Almeida, Miguel

- Gonçalves & Vera Ramalho (Org.), *Avaliação psicológica: formas e contextos*, 10, 287-293. Braga: Psiquilíbrios.
- Santos, P. J., & Ferreira, J. A. (2015). Variáveis Predictoras da Indecisividade em Estudantes do Ensino Superior. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16 (1), 1-9
- Santos, P.J. & Coimbra, J.L. (1995). Desenvolvimento Psicológico e Indecisão Vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10, 21-34.
- Savickas, M. L. (1989). Annual review: Practice and research in career counseling and development, 1988. *Career Development Quarterly*, 38, 100-134
- Savickas, M. L., Carden, A. D., Toman, S., & Jarjoura, D. (1992). Dimensions of career decidedness. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*. 25, 102-112.
- Seixas, A. M. (2000). O Ensino Superior privado em Portugal: Políticas e discursos. *Revista Portuguesa de Educação*, 13, 53-79.
- Seixas, A. M. (2003). *Políticas Educativas e Ensino Superior em Portugal*. Quarteto, Coimbra.
- Sekaran, U. (2003). *Research methods for business: A skill-building approach* (2ª Ed.). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Silva, A. D., Taveira, M. d. C., & Fernandes, E.M. (2006) A construção e desenvolvimento da carreira no ensino superior: o uso de inventários e da grelha de repertório. *Comunicação apresentada em Avaliação Psicológica: formas e contextos: atas da conferência Internacional Avaliação Psicológica*. Braga.
- Silva, A. D., Taveira, M. d. C., & Ribeiro, E. (2011). Self de Carreira: Estudo Longitudinal com Estudantes Universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27 (3), 263-272.
- Silva, J. M. T., (2009). Career decision profile (cdp) – versão portuguesa: estudo metrológico. In: *Atas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho

- Silva, J. M.T., (2004). Avaliação da Indecisão Vocacional. In Leitão, L. *Avaliação Psicológica em Orientação Escolar e Profissional* (pp.347-386). Coimbra: Quarteto.
- Skorikov, V. B., & Vondracek, F. W. (1998). Vocational identity development: Relationship to other identity domains and to overall identity development. *Journal of Career Assessment*, 6, 13-36.
- Sprinthall, N. & Collins, W. A. (1994). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Super, D. E. (1980). A life-span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16, 282-298
- Super, D. E. (1990). The life span, life space approach to career development. In: D. Brown & L. Brooks (Orgs.), *Career choice and development*, (2ªEd). pp.197-261). San Francisco: Jossey-Bass.
- Super, D. E., Savickas, M. L. & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. In D. Brown, L. Brooks & Associates (Eds.), *Career choice and development* (3ª Ed.). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Super, D.E. (1957). *The psychology of careers*. New York: Harper & Row.
- Talib, A. M., & Aun, T. K. (2009). Predictors of career indecision among Malaysian undergraduate students. *European Journal of Social Sciences*, 8, 215-224.
- Taveira, M. C. (1997). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens: Estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão vocacional*. Dissertação de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- Taveira, M. C. (1999). Intervenção precoce no desenvolvimento vocacional. *Revista psicologia: teoria, investigação e prática*, 1. Braga.
- Taveira, M. C. Cunha, C.S.B. & Faria, L.C. (2009). Efeito da Intervenção Psicológica Vocacional na Indecisão e Comportamento Exploratório. *Psicologia ciência e profissão*, 29 (3), pp. 558-573.

- Taveira, M.C. (2000). *Exploração e Desenvolvimento Vocacional de Jovens: Estudo sobre as Relações entre a Exploração, a Identidade e a indecisão Vocacional*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia.
- Taylor, K. M., & Betz, N. E. (1983). Applications of self-efficacy theory to understand and treatment of career indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 22 (1), 63-81.
- Tyler, L. E. (1969). *The work of the counselor* (3^a Ed.). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Vieira, M. M. (1995). Transformação recente no campo do Ensino Superior. *Análise Social*, vol. XXX (131-132), 315-373.
- Vondracek, F. W., Hostetler, M., Schulenberg, J. E., & Shimizu, K. (1990). Dimensions of career indecision. *Journal of Counseling Psychology*, 37 (1), 98-106.
- Vondracek, F.W. (1992). The construct of identity and its use in career theory and research. *The Career Development Quarterly*, 41, 13-144.
- Vondracek, F.W., Lerner, R.M., & Schulenberg, J.E. (1983). The concept of development in vocational theory and intervention. *Journal of Vocational Behavior*, 23, 179-202.
- Vondracek, F.W., Lerner, R.M., & Schulenberg, J.E. (1986). *Career development: A life-span developmental approach*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Wanberg, C.R., & Muchinsky, P.M. (1992). Atypology of career decision status: Validity extension of the vocational decision status model. *Journal of Counseling Psychology*, 39, 71–80.
- Watson, M.B., Creed, P. A., & Patton, W. (2003). Career decisional states of Australian and South African high school students. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 3, 3-19.
- Zhou, D., & Santos, A. (2007). Career decision-making difficulties of British and Chinese international university students. *British Journal of Guidance and Counselling*, 35 (2), 219-235.

Anexos

Anexo I - Pedido de Autorização para Recolha de Dados nas Instituições



Departamento de Psicologia
Universidade de Évora
Apartado 94
7002 – 554 Évora

Exma. Sr.(a).

Assunto: Colaboração em investigação

Paulo Cardoso, docente do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora, interessou-me pela temática do desenvolvimento de carreira de estudantes do ensino superior. Neste momento, estou a iniciar uma investigação sobre indecisão vocacional em alunos que frequentam o ensino superior. A recolha de dados para a investigação implica a aplicação de três provas que avaliam a indecisão vocacional: 1) Escala de Certeza Vocacional (4itens), 2) Escala de Decisão Vocacional (22 itens) e 3) A Minha Situação Vocacional (18 itens). A aplicação das provas terá a duração de 15 minutos. As respostas são anónimas e os dados da investigação serão tratados quantitativamente e de forma global pelo que se garante a confidencialidade dos mesmos.

Os resultados desta investigação têm como principal aplicação a formação de psicólogos em práticas de aconselhamento de carreira bem como a caracterização da população do ensino superior relativamente às suas dificuldades vocacionais.

Venho, desta forma, pedir autorização para recolha destes dados de investigação na (local/instituição).....

Antecipadamente grato pela atenção dispensada

Évora, __ de _____ 2015

Anexo II – Pedido de colaboração aos alunos



Departamento de Psicologia
Universidade de Évora
Apartado 94
7002 – 554 Évora

Assunto: Colaboração em investigação

Eu, Cátia Isabel de Ambrósio Pinto, aluna do Curso de Mestrado em Psicologia, Universidade de Évora, interesse-me pela temática do desenvolvimento de carreira de estudantes do ensino superior. Neste momento, estou a iniciar uma investigação sobre indecisão vocacional em alunos que frequentam o ensino superior. A recolha de dados para a investigação implica a aplicação de três provas que avaliam a indecisão vocacional: 1) Escala de Certeza Vocacional (4itens), 2) Escala de Decisão Vocacional (22 itens) e 3) A Minha Situação Vocacional (18 itens).

Os resultados desta investigação têm como principal aplicação a formação de psicólogos em práticas de aconselhamento de carreira bem como a caracterização da população do ensino superior relativamente às suas dificuldades vocacionais.

A aplicação das provas terá a duração de 15 minutos.

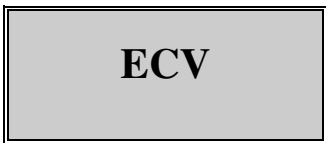
As respostas são anónimas e os dados da investigação serão tratados quantitativamente e de forma global pelo que se garante a confidencialidade dos mesmos. Acrescento que a colaboração é voluntária pelo que, mesmo aqueles que iniciarem a sua participação poderão interromper a sua colaboração se o desejarem. Antecipadamente grata pela atenção dispensada

Depois de devidamente informado(a) autorizo a participação neste estudo.

Data: ____/____/2015

Assinatura do Participante

Anexo III – Escala de Certeza Vocacional



Escola _____

Escolaridade _____ Sexo _____ Idade _____

Já se decidiu sobre a sua futura profissão?
Pense por um momento e depois responda às perguntas que se seguem.

INSTRUÇÕES: Para cada questão faça um círculo à volta do número que melhor se adequa ao seu caso.

1. Já determinei uma área profissional na qual gostaria de trabalhar (por exemplo, saúde, artes, tecnologia, administração, educação, etc.).

Discordo inteiramente **1** **2** **3** **4** **5** **6** Concordo inteiramente

2. Já me decidi por uma profissão que gostaria de desempenhar (por exemplo, engenheiro, electrotécnico, enfermeiro, vendedor, economista, etc.).

Discordo inteiramente **1** **2** **3** **4** **5** **6** Concordo inteiramente

3. Tenho ideias muito claras quanto ao que pretendo que seja a minha vida profissional.

Discordo inteiramente **1** **2** **3** **4** **5** **6** Concordo inteiramente

4. Já escolhi uma determinada opção profissional da qual não tenciono afastar-me.

Discordo inteiramente **1** **2** **3** **4** **5** **6** Concordo inteiramente

Anexo IV – Escala de Identidade Vocacional

A minha carreira – Um inquérito sobre o papel do trabalho na vida das pessoas

Cara/o estudante de seguida encontrará um conjunto de questões e/ou afirmações com potencial aplicação ao modo como pode construir-se uma carreira profissional. As suas respostas serão úteis para ajudar-nos a compreender qual o papel de alguns fatores psicossociais na elaboração de metas de carreira e na construção de trajetórias de vida educativas e profissionais significativas. Nesse sentido apelamos a que leia com atenção as instruções que precedem cada conjunto de questões e que marque as suas respostas tendo em conta as instruções dadas. Por favor, responda a todas as afirmações. Tenha em consideração que, neste inquérito, não há respostas certas ou erradas, mas apenas perceções pessoais sobre as situações de vida enunciadas. As suas respostas são anónimas e confidenciais e serão usadas apenas em análises que terão em consideração eventuais tendências de grupo. Muito obrigado pela sua colaboração.



As afirmações abaixo dizem respeito aos seus planos acerca de uma futura profissão ou carreira profissional. Por favor, responda a cada uma delas, fazendo um círculo na letra **V** (VERDADEIRA) ou **F** (FALSA), que melhor representa a sua opinião neste momento.

Ao pensar acerca dos meus planos para uma profissão ou uma carreira profissional:

| | | |
|---|----------|----------|
| 1. Necessito que me assegurem de que fiz a escolha certa da profissão | V | F |
| 2. Preocupa-me que os meus interesses atuais possam vir a alterar-se ao longo dos anos | V | F |
| 3. Não tenho a certeza sobre as profissões que poderei vir a exercer bem | V | F |
| 4. Desconheço quais são os meus pontos mais fortes e mais fracos | V | F |
| 5. As profissões que eu <i>consigo desempenhar</i> podem não me garantir o rendimento suficiente para viver o tipo de vida que eu quero | V | F |
| 6. Se tivesse, neste momento, que escolher uma profissão recearia fazer uma má escolha | V | F |
| 7. Necessito de descobrir que tipo de carreira profissional deverei seguir | V | F |
| 8. Decidir-me sobre a minha carreira profissional tem sido um problema difícil e prolongado para mim | V | F |
| 9. Sinto-me confuso(a) acerca do problema de escolher uma carreira profissional | V | F |
| 10. Não tenho a certeza se a minha escolha profissional é a mais adequada para mim | V | F |
| 11. Não conheço o suficiente sobre o que se faz nas várias profissões | V | F |
| 12. Não há nenhuma profissão que me atraia fortemente | V | F |
| 13. Não sei ao certo qual a profissão que me daria prazer | V | F |
| 14. Gostaria de conhecer mais profissões para fazer uma escolha profissional | V | F |
| 15. A avaliação que faço sobre as minhas capacidades e pontos fortes varia muito de ano para ano | V | F |
| 16. Não tenho certezas acerca de mim próprio(a) em muitas áreas da minha vida | V | F |
| 17. Sei, há menos de um ano, a profissão que quero seguir | V | F |
| 18. Não compreendo como algumas pessoas podem estar tão certas sobre aquilo que querem fazer na vida. | V | F |

Anexo V – Escala de Indecisão Vocacional

EDC



Agora, pensando especificamente numa *decisão acerca da educação/formação profissional ou de emprego* que tomará no futuro, responda às questões que se seguem usando a seguinte escala:

| | Discordo fortemente | | Nem concordo, nem discordo | | Concordo fortemente |
|---|------------------------|---|-------------------------------|---|------------------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1. Acho que vai ser fácil tomar esta decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Eu não sei como efetuar esta decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. É-me difícil chegar a uma decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Quando efetuar esta decisão eu sei quais os passos seguintes a tomar | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Eu diria que sou uma pessoa indecisa relativamente a esta situação | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Não hesito muito quando tenho que tomar esta decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Sinto-me seguro/a ao efetuar esta decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Sinto-me com poucas certezas ao efetuar esta decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Demorei bastante tempo para pesar os prós e os contras antes de tomar esta decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Tomei esta decisão rapidamente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Não adio a tomada desta decisão para uma data posterior | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Demoro a tomar esta decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Tento evitar tomar esta decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Tendo a deixar esta tomada de decisão para outra pessoa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. Não mudo frequentemente de opinião a respeito de uma decisão que tomo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. Eu próprio “desmanchei o nó” desta decisão, em vez de deixar isso para outra pessoa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. Não evito tomar esta decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. Repenso frequentemente esta decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 19. Não me preocupo com esta decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 20. Eu acredito frequentemente que vou tomar a decisão errada | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 21. Não consigo tirar esta decisão da minha cabeça | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 22. Tenho a certeza de que não me vou arrepender da minha decisão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |